

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

**“Hás de ser poetisa, menina”: o início da trajetória literária de Stella Leonardos
– 1923 a 1949**

Patricia Pereira de Sousa
Magister Scientiae

**VIÇOSA - MINAS GERAIS
2026**

PATRICIA PEREIRA DE SOUSA

**“Hás de ser poetisa, menina”: o início da trajetória literária de Stella Leonardos
– 1923 a 1949**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientadora: Joelma Santana Siqueira

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

Sousa, Patricia Pereira de, 1992-
S725h “Hás de ser poetisa, menina”: o início da trajetória literária
2026 de Stella Leonardos – 1923 a 1949 / Patricia Pereira de Sousa. –
Viçosa, MG, 2026.

1 dissertação eletrônica (59 f.): il. (algumas color.).

Inclui apêndices.

Orientador: Joelma Santana Siqueira.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa,
Departamento de Letras, 2026.

Referências bibliográficas: f. 50-52.

DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2026.488>

Modo de acesso: World Wide Web.

1. Literatura brasileira - História e crítica. 2. Leonardos,
Stella, 1923-2019 - Crítica e interpretação. 3. Leonardos, Stella,
1923-2019 - Biografia. 4. Mulheres na literatura - Brasil - 1945.
I. Siqueira, Joelma Santana, 1972-. II. Universidade Federal de
Viçosa. Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação
em Letras. III. Título.

CDD 22. ed. B869.8

PATRICIA PEREIRA DE SOUSA

**“Hás de ser poetisa, menina”: o início da trajetória literária de Stella Leonardos
– 1923 a 1949**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 26 de maio de 2026.

Assentimento:

Patricia Pereira de Sousa
Autora

Joelma Santana Siqueira
Orientadora

Essa dissertação foi assinada digitalmente pela autora em 20/08/2026 às 20:26:45 e pela orientadora em 20/08/2026 às 20:53:16. As assinaturas têm validade legal, conforme o disposto na Medida Provisória 2.200-2/2001 e na Resolução nº 37/2012 do CONARQ. Para conferir a autenticidade, acesse <https://siadoc.ufv.br/validar-documento>. No campo 'Código de registro', informe o código **DOKP.03XS.JQ6W** e clique no botão 'Validar documento'.

Dedico a minha dissertação à minha sobrinha e afilhada, Cecília Maria. Desejo que a literatura alimente o coração, a mente, a imaginação e a criatividade dessa menininha muito amada por mim e pela família.

AGRADECIMENTOS

Deus, muito obrigada!

Agradeço a minha família, em especial, minha mãe, Maria Imaculada; minha irmã, Paula; e minha sobrinha, Cecília Maria, por estarem comigo sempre. Agradeço por tudo.

Agradeço a minha orientadora, Joelma Santana Siqueira, pela parceria que começou na graduação e que continuou no mestrado. Agradeço por todos os aprendizados, por todo apoio, por toda paciência, por todas as trocas que tivemos.

Agradeço aos integrantes da banca, Maria do Rosário Alves Pereira e Júnior Vilarino Pereira, por terem aceitado o convite para a qualificação em outubro de 2025; e por terem aceitado o convite para compor a banca de defesa da dissertação e por todas as contribuições.

Agradeço a minha prima, Thaiz Aparecida; sua filha, Thalia; e seu marido, Thales, por me receberem e me hospedarem para que eu pudesse fazer uma parte da minha dissertação no Rio de Janeiro.

Agradeço a Teresa Cristina, diretora da Biblioteca Stella Leonardos, pelas conversas e por construir uma ponte entre mim e a Academia Carioca de Letras (ACL).

Agradeço a Bernardete que, gentilmente, abriu as portas da ACL em uma terça-feira à tarde, permitindo que eu pudesse conhecer o espaço por onde já passou e continua passando pessoas que amam e que fazem literatura.

Agradeço a Fernanda, sobrinha-neta de Stella, pela ajuda, atenção, disponibilidade e interesse em contribuir com a pesquisa.

Agradeço aos funcionários do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira por terem me recebido, e tornarem possível o acesso e o manuseio dos materiais de Stella.

Este trabalho foi realizado com o apoio das seguintes agências de pesquisa brasileiras: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

A vida importa.

RESUMO

SOUSA, Patricia Pereira de, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, maio de 2026.
“Hás de ser poetisa, menina”: o início da trajetória literária de Stella Leonardos – 1923 a 1949. Orientadora: Joelma Santana Siqueira.

“Hás de ser poetisa, menina”: o início da trajetória literária de Stella Leonardos – 1923 a 1949 é um trabalho vinculado ao grupo de pesquisa Literatura e Mídia (CNPq) e se insere em um projeto maior, “As poetisas da geração de 45”, dedicado ao estudo da obra das escritoras da referida geração. O objetivo geral é produzir um perfil biográfico da trajetória literária da escritora Stella Leonardos a partir da consulta em fontes primárias, envolvendo sobretudo os periódicos digitalizados pela Biblioteca Nacional e consulta a acervos físicos. A metodologia envolve pesquisa bibliográfica e documental. A primeira realizada a partir do estudo de aporte teórico sobre acervo, biografia e perfil, Geração de 45 e aspectos relevantes da história das mulheres escritoras. A segunda feita a partir do levantamento, seleção, análise, discussão e interpretação de dados biográficos em acervos digital e físico. Ao final, apresenta-se o perfil biográfico da trajetória literária de Stella Leonardos entre 1923 a 1949, mostrando sua relação com os textos da infância até as primeiras obras publicadas. O percurso demonstra a relevância dos jornais e acervos literários para a construção de biografias profissionais de escritores e para a manutenção da história literária de um país.

Palavras-chave: Stella Leonardos; mulheres escritoras; biografia; geração de 45

ABSTRACT

SOUSA, Patricia Pereira de, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, May, 2026. **“Hás de ser poetisa, menina”: the beginning of Stella Leonardos's literary trajectory (1923–1949)**. Adviser: Joelma Santana Siqueira.

“Hás de ser poetisa, menina”: the beginning of Stella Leonardos's literary trajectory (1923–1949) is a study linked to the Literature and Media research group (CNPq) and is part of a larger project, “The female poets of the Generation of '45”, dedicated to studying the work of female writers from that generation. The general objective is to produce a biographical profile of the literary career of the writer Stella Leonardos, based on research in primary sources, mainly involving periodicals digitized by the National Library and consultations of physical archives. The methodology involves bibliographical and documentary research. The former is conducted through the study of theoretical frameworks on archives, biography and profile, the Generation of '45, and relevant aspects of the history of female writers. The latter is carried out through the collection, selection, analysis, discussion, and interpretation of biographical data in digital and physical archives. Ultimately, the study presents the biographical profile of Stella Leonardos's literary career between 1923 and 1949, showing her relationship with texts from her childhood to her first published works. This trajectory demonstrates the relevance of newspapers and literary collections for the construction of professional biographies of writers and for the preservation of a country's literary history.

Keywords: Stella Leonardos; women writers; biography; generation of '45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	p. 9
CAPÍTULO 1.....	p. 14
1.1 O cenário literário brasileiro na primeira metade do século XX e a Geração de 1945...	p. 14
1.2 Mulheres na literatura.....	p. 18
1.3 O que é ser escritor.....	p. 22
CAPÍTULO 2.....	p. 28
2.1 Acervo: espaço de preservação e de pesquisa.....	p. 28
2.2 Biografia e perfil.....	p. 31
CAPÍTULO 3.....	p. 36
<i>“Hás de ser poetisa, menina”</i> : O início da trajetória literária de Stella Leonardos – 1923 a 1949.....	p. 36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	p. 48
REFERÊNCIAS.BIBLIOGRÁFICAS.....	p. 50
APÊNDICES.....	p. 53

INTRODUÇÃO

A Constituição Brasileira, promulgada em 5 de outubro de 1988, determina que “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição”¹. Esses direitos foram sendo construídos e consolidados no decorrer dos séculos, graças, principalmente, à luta das mulheres que reivindicaram uma sociedade mais igualitária para todos.

Ao longo da história, é possível observar a predominância dos homens na vida pública, em todos os setores da sociedade, assumindo os papéis de protagonistas, enquanto as mulheres ficavam com os papéis secundários ou restritos à vida privada. Nesse sentido, poderia não provocar estranhamento o fato de os livros de história da arte ou história da literatura não registrarem a presença das mulheres artistas e escritoras. A história do patriarcado fez com que as mulheres não tivessem as mesmas oportunidades que os homens, logo, não é por acaso que os principais nomes, as principais referências em quaisquer áreas do conhecimento sejam homens – no passado e, de certo modo, ainda no presente. Consequentemente, elas raramente foram citadas, por exemplo, em posições de destaque, realizando contribuições importantes nas artes, ciências, política etc. Isso não implica dizer que as mulheres não deixaram contribuições importantes para a sociedade, mas que diferentes contextos e motivos se encarregaram de silenciá-las ou não as valorizar.

A literatura é uma área em que é possível visualizar claramente esse cenário. A maior parte do cânone literário é formada por escritores. Alguns nomes de escritoras começam a aparecer e a se destacar, principalmente, a partir do século XVIII em diante. Isso revela que, em algum momento, algo começou a mudar, com fatores contribuindo para que as mulheres escrevessem e publicassem suas histórias – algumas, inclusive, passando a integrar o cânone literário.

Em relação à literatura brasileira, Regina Dalcastagnè (2019, p. 49), usando o muro como metáfora para mostrar a separação que impede as pessoas de enxergarem além, afirma que “para falar sobre as mulheres no campo literário brasileiro precisamos, antes, refletir a respeito do que ainda se esconde sob a afirmação de sua ausência”. Classe, gênero e raça têm relação com essa ausência das mulheres e a de outros grupos na literatura, assim como em outras áreas; e mais a dificuldade de reconhecer que as diferentes narrativas produzidas por

¹ Disponível em https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf
Último acesso em 7 de outubro de 2025.

esses grupos também são literatura, ocasionando, assim, a sua invalidação por setores sociais e editoriais. Dalcastagnè (2019, p. 55) convida a refletir “sobre o que estamos escolhendo legitimar como literário, sobre o que estamos excluindo quando fazemos isso e por quê. Precisamos pensar nossos próprios limites e as fronteiras que precisamos percorrer”. Enxergar além do muro é importante e necessário e, quando alguém faz esse movimento, permite que outros leitores também enxerguem, conheçam e entrem em contato com algo que por muito tempo ficou nas sombras.

Diante disso, é importante repensar e ampliar o cânone literário que é formado majoritariamente por homens. A universidade, espaço de promoção de conhecimento, contribui significativamente para isso, promovendo estudos e pesquisas com o intuito de resgatar escritoras e suas obras de períodos passados. Essa ação, além de impedir que nomes e histórias fiquem esquecidos e se percam, permite divulgar essas escritoras. Essa divulgação não deve ficar restrita ao meio acadêmico, mas, principalmente, deve chegar até o público leitor que dá sentido e vida à literatura. Portanto, este trabalho nasce da vontade de pesquisar e de dar visibilidade para escritoras, de entrar em contato com suas histórias e suas obras, de valorizar a importância delas no cenário literário brasileiro. Para realizar estes propósitos, escolheu-se o estudo da trajetória de Stella Leonardos da Silva Lima Cabassa ou, simplesmente, Stella Leonardos (1923-2019).

Stella Leonardos possui uma vasta produção literária na poesia e na prosa, por vezes, associas à cultura brasileira, envolvendo, por exemplo: o passado histórico, os regionalismos e as formas poéticas da oralidade. No campo poético, destaca-se o “Projeto Brasil”, que é constituído de dezenas de volumes dedicados à inovação do romanceiro, do cancionero, da rapsódia, como explicou Leonardos em entrevista publicada na revista *Poesia Sempre*, em abril de 1999². As obras do “Projeto Brasil” focalizam parte da história e da cultura de diferentes estados brasileiros, por meio do retorno a esses gêneros orais. Essas obras, assim como outras, demonstram a sua contribuição para a literatura moderna brasileira, unindo aspectos da cultura erudita e popular.

A partir do exposto, a presente pesquisa propõe como objetivo geral produzir um perfil biográfico sobre o início da trajetória artística-literária de Stella Leonardos entre o período de 1923 a 1949, consultando fontes primárias em acervos. A partir de pesquisa bibliográfica em livros, arquivos digitais e acervos literários, os objetivos específicos acionados para a realização desta pesquisa são: (a) estudo de aporte teórico sobre os temas: Geração de 45, mulheres na

² Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/501395/3514>

literatura, acervo, biografia e perfil; (b) levantamento de periódicos publicados no Rio de Janeiro entre 1940-1949 disponíveis na Biblioteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional³ que citam Stella Leonardos (130 citações em 27 periódicos/revistas); (c) consulta a documentos e ao acervo literário da Academia Carioca de Letras⁴ e do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa⁵.

A metodologia usada para o desenvolvimento desta pesquisa bibliográfica e documental adota uma abordagem qualitativa. Sampieri, Collado e Baptista Lucio (2013, p. 33) afirmam que este tipo de abordagem foca “na coleta de dados sem medição numérica para descobrir ou aprimorar perguntas de pesquisa no processo de interpretação”. Os teóricos também explicam que o ponto de partida de uma pesquisa qualitativa é “uma realidade a se descobrir, construir e interpretar” (Sampieri; Collado; Baptista Lucio, 2013, p. 36). Logo, as informações coletadas passam por um processo de análise, buscando-se extrair informações a fim de “compreender as pessoas e seus contextos” (Sampieri; Collado; Baptista Lucio, 2013, p. 38). Essas informações podem ser extraídas em diferentes fontes, por exemplo, documentos, periódicos, imagens, etc. Portanto, a metodologia com abordagem qualitativa adotada neste trabalho pretende, a partir da seleção, análise e interpretação de material digital e físico, produzir um perfil biográfico de Stella Leonardos, seguindo uma cronologia que abarca desde o nascimento até a primeira década como escritora profissional, focalizando sempre a sua relação com a literatura.

Na Academia Carioca de Letras, foi possível acessar documentos referentes a nomeação de Stella Leonardos para ocupar a cadeira de número 10 que possui como patrono Joaquim Norberto, seu trisavô. Havia, na Academia Carioca de Letras, uma caixa grande de plástico branca que foi doada pela família de Stella após sua morte. A caixa continha, principalmente, livros de autoria de Stella (alguns títulos com mais de dois exemplares), a maioria de poemas e alguns de teatro. Ali, também, foi possível encontrar exemplares do livro *Teatro infantil*, de Alice Leonardos Silva Lima, mãe de Stella.

No Arquivo-Museu de Literatura, pude entrar em contato com livros de Stella Leonardos, especialmente, alguns dos primeiros livros publicados no começo da década de

³ Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

⁴ No dia 08 de julho de 2025, estive na Academia Carioca de Letras. Pude fotografar o espaço e documentos relacionados a Stella Leonardos.

⁵ Nos dias 9, 11 e entre 14 a 18 de julho, passei as tardes no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa em uma sala destinada ao manuseio do material disponível no arquivo. Pude fotografar as capas, as contracapas, os índices e breves partes dos livros de Stella Leonardos, e, também, fazer a leitura de cartas e de documentos escritos por ela.

1940 e que não são possíveis encontrar nem em sebos virtuais. Entre os títulos, destacam-se um exemplar de *Passos na Areia* (primeiro livro de poemas), e dois exemplares de *Quando os cafezais florescem* (primeiro romance). Muitos dos livros mais antigos estavam significativamente envelhecidos, amarelecidos, com as laterais e as páginas manchadas devido a ação do tempo. Havia livros com a capa comprometida também. Outros livros estavam bem conservados e apresentavam pouca ação do tempo e pouco manuseio. Entre os livros disponíveis no acervo no Arquivo-Museu de Literatura havia, predominantemente, poemas, literatura infantojuvenil em poema (muitos destes ilustrados) e em prosa; e alguns traduzidos e adaptados de outros escritores.

No Arquivo-Museu de Literatura foi possível ver e ler algumas cartas que Stella escreveu para amigos. Alguns dos remetentes eram escritores também, entre os quais, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Vinicius de Moraes, Plinio Doyle, Marly Medalha. Tive acesso aos documentos referentes a doação que Stella Leonardos fez de seu acervo para a instituição. Entre os documentos, destacam-se dois escritos à mão pela própria Stella: um discurso proferido no dia da doação, e um currículo contendo títulos de livros escritos e prêmios que ganhou. Há também um documento digitalizado contendo todos os títulos de livros que Stella escreveu, especificando o gênero e a data de cada publicação.

O primeiro capítulo da dissertação é dividido em três partes. A primeira parte abordará o cenário literário brasileiro na primeira metade do século XX, destacando o surgimento e aspectos da Geração de 1945, reconhecida pela produção poética e que, segundo a historiografia literária brasileira, é a geração a que Stella Leonardos pertence. Na segunda parte, será apresentado um breve percurso sobre as mulheres na literatura, abordando alguns dos motivos da ausência de seus nomes figurando entre escritores reconhecidos, e o momento em que esse cenário começa a mudar. Na terceira parte, propõe-se uma reflexão acerca do que é ser escritor, o desafio de escrever e de se estabelecer como um profissional de literatura, a importância do letramento e do desenvolvimento do mercado editorial, e a morte do autor.

O segundo capítulo é dividido em duas partes. A primeira parte será dedicada à discussão sobre o que é e o que caracteriza um acervo, evidenciando a importância na preservação da história de uma vida, de uma época. A segunda parte trará um apanhado teórico acerca dos gêneros textuais biografia e perfil.

O terceiro e último capítulo é dedicado à força motriz deste trabalho: o perfil biográfico “*Hás de ser poetisa, menina*”: o início da trajetória literária de Stella Leonardos – 1923 a

1949, parte dedicada a narrar a relação de Stella com a literatura, do seu nascimento até as primeiras obras publicadas.

A dissertação traz, também, uma parte intitulada “Apêndices”, com fotografias da escritora Stella Leonardos, capas de seus livros e imagens dos acervos.

CAPÍTULO 1

1.1 O cenário literário brasileiro na primeira metade do século XX e a Geração de 1945

A literatura brasileira do século XX é marcada por vários movimentos artísticos-literários. Esses movimentos possuem características que auxiliam no desenvolvimento da história da literatura, constituindo gerações que apresentam denominadores em comum.

Além das características internas, (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros (Candido, 2000, p. 23).

Alfredo Bosi (2021) explicou que o movimento modernista de 1922 foi um momento importante, pois contribuiu para renovar a poesia, a ficção e a crítica literárias. Mário de Andrade (1942, p. 45) destacou que “o direito permanente à pesquisa estética; a atualização da inteligência artística brasileira; e a estabilização de uma consciência criadora nacional” foram as características que alinharam o movimento, mantendo-o “num todo orgânico da consciência coletiva”.

Estes e outros fatores influenciaram as gerações que vieram posteriormente. É interessante refletir acerca dessas gerações, não a partir de uma perspectiva de rompimento total entre uma e outra, mas, sim, lembrando que cada geração apresenta questões próprias em diferentes contextos, o que exige, por vezes, um olhar diferenciado para os elementos do entorno e uma necessidade de adaptação artística. Logo, o movimento modernista de 1922, também conhecido como a primeira fase do Modernismo, permitiu uma “formação da continuidade literária” (Candido, 2000, p. 24) que deu origem a outras duas fases na sequência: a Geração de 1930 e a Geração de 1945.

A Geração de 1930 desenvolve-se em um contexto histórico em que ainda predominava as oligarquias regionais, mas emergia a burguesia industrial e o governo de Getúlio Vargas. Ainda sobre esse período, Bosi (2021) realizou algumas reflexões.

O peso da tradição não se remove nem se abala com fórmulas mais ou menos anárquicas nem com regressões literárias ao inconsciente, mas pela vivência sofrida e lúcida das tensões que compõem as estruturas materiais e morais do grupo em que se vive. Essa compreensão viril dos velhos e novos problemas estaria reservada aos escritores que amadureceram depois de 1930 (Bosi, 2021, p. 410).

A Geração de 1930, muitas vezes, é lembrada pelos romances que abordam questões sociais e regionais, e poesias que abordam questões políticas e religiosas. Essas temáticas continuaram em evidência na produção literária e na crítica durante as décadas seguintes, mas, o tratamento ganhou novos contornos, principalmente na produção poética da Geração de 1945.

A primeira metade da década de 1940 é marcada pela Segunda Guerra Mundial (1939-1945). No Brasil, o governo Vargas continuava vigente e a Geração de 45 despontava, sendo bastante discutida por escritores, muitos deles teóricos, que se apresentavam como diferentes do movimento de 1922. Esse grupo de escritores se reuniu em torno de revistas, congressos e suplementos, reivindicando o aparecimento de uma nova geração na sequência da segunda geração do modernismo. Por indicação de um desses poetas de nome Domingos Carvalho da Silva, o referido grupo ficou conhecido por “Geração de 1945”, reunindo poetas de diferentes tendências e regiões do Brasil.

Nos anos 1950, o escritor João Cabral de Melo Neto (1997, p.74) fez ponderações sobre o cenário literário da Geração de 45, definindo-a como “uma geração de extensão de conquistas, muito mais do que uma geração de invenção de caminhos”. Para Melo Neto (1997), os poetas dessa geração estavam descobrindo a sua própria voz poética, diante das vozes de poetas experientes que serviam como fonte de inspiração. Isso resultou em uma poesia subjetiva, individual e plural. Em suas palavras, “não existe uma poesia, existem poesias” (Melo Neto, 1997, p. 78). Para Melo Neto (1997), a Geração de 45 não tinha força para inaugurar um estilo e não havia uma definição geral de poesia para aquele momento. Mesmo assim, a renovação da criação literária não precisava acontecer a partir de um radicalismo e de uma revolta.

O trabalho de extensão, determinado pela sua posição histórica, pode levar perfeitamente à criação de uma expressão brasileira moderna, geral, que seja constituída não pela coexistência de um pequeno número de vozes irredutíveis e dissonantes, mas por uma voz mais ampla e geral, capaz de integrar num conjunto todas as dissonâncias (Melo Neto, 1997, p. 80).

A Geração de 45 seguiu caminhos criativos mais de acordo com o seu momento histórico, visto se tratar de poetas do pós-guerra. Uma de suas características mais destacadas é o formalismo.

Enquanto grupo, esses nomes não tiveram influência duradoura; mas como tendiam à pesquisa formal, repropuseram no meio literário brasileiro um problema básico: o da concepção de poesia como arte da palavra, em contraste com outras abordagens que privilegiavam o material extraestético do texto (Bosi, 2021, p. 468).

Se, antes, o experimentalismo estético dava o tom das produções literárias, agora, é o retorno a uma tradição clássica. Como destaca Massaud Moisés (2019), é o culto à disciplina que orienta o fazer poético, envolvendo princípios artísticos, teóricos e de elaboração. A Geração de 45, portanto, pode ser considerada uma geração que optou por outros caminhos poéticos, configurando-se como uma geração heterogênea. Essa heterogeneidade é mais bem estudada quando se inclui a produção poética das escritoras, pois a participação das escritoras nas revistas, congressos, antologias, embora tenha acontecido, não tem sido estudada por críticos e historiadores.

A Geração de 45 contou com poetas diversos e 83 nomes considerados pertencentes e inseridos podem ser conferidos na pesquisa *Catalogando a Geração de 45*⁶. Destaca-se que desses nomes, 17 são de mulheres (aproximadamente 20%). Este número em comparação com o todo é pequeno, e, das poetas citadas, a mais conhecida e, provavelmente, lida é Hilda Hilst⁷. Além disso, esses números revelam dados interessantes a fim de contribuir para uma reflexão acerca da literatura de autoria feminina no Brasil do pós-guerra.

Estudiosos como Bosi (2021) e Moisés (2019) em suas historiografias citam nomes de poetas representantes da Geração de 45, entre eles aparece Stella Leonardo. Bosi (2021, p. 497-498), por exemplo, explica que a antologia *Panorama da Nova Poesia Brasileira*⁸ reuniu textos de diversos poetas dessa geração e que “aos nomes do *Panorama* devem-se acrescentar outros, também representativos de tendências formalistas e, *lato sensu*, neossimbolistas, difusas a partir de 45”, acrescentando, entre esses, Stella. Na sequência, Bosi (2021) observa os poetas que seguiram escrevendo nas décadas seguintes, mas que não se filiaram às tendências literárias que emergiram posteriormente.

Têm escrito desde as décadas de 50 e 60 alguns poetas diferentes entre si, mas aproximáveis pela sua concepção de lírica entre moderna e tradicional. Neles convive o discurso metrificado e o imaginário romântico ou realista com a presença, hoje quase infectível, de uma forte autoconsciência literária. [...] Vistos por um ângulo estreito da sobrevivência de certos hábitos estilísticos, o seu ponto de referência poderia ser ainda a poética da geração de 45 (Bosi, 2021, p. 519-520).

⁶ Pesquisa de Iniciação Científica realizada na Universidade Federal de Viçosa com bolsa Pibic-CNPq. O catálogo resultante da pesquisa está disponível no *site* do grupo de pesquisa Literatura e Mídia no link: <https://literaturaemidia.ufv.br/relatorios/pesquisa/>

⁷ Em 2018, Hilda Hilst (1930-2004) foi a homenageada da 16ª Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), o que contribuiu para que seu nome ganhasse visibilidade, seus livros de poema e de prosa fossem relançados em novas edições pela editora Companhia das Letras. Vale ressaltar que, em vida, Hilda queria ser reconhecida e lida pelas editoras e pelo público – o que aconteceu de maneira tardia.

⁸ *Panorama da Nova Poesia Brasileira* foi organizada por Fernando Ferreira de Loanda e publicada em 1951.

Entre os nomes destacados na sequência por Bosi (2021), novamente, aparece Stella, evidenciando quatro títulos da poeta: *Poesia em três tempos*, *Poema da busca e do encontro*, *Rio Cancioneiro*, *Amanhecência*.

Moisés (2019), acerca de Stella Leonardos, cita alguns dos gêneros textuais produzidos e algumas obras escritas entre as décadas de 1940 e 1980.

Ainda outros poetas surgiram nessa quadra, como Stella Leonardos (1923) que, além do romance, do teatro e da literatura infantojuvenil, tem cultivado o lirismo de temas perenes, como o amor e a morte e temas históricos (*Passos na Areia*, 1940; *Assim se formou a nossa raça*, 1941; *A Grande Visão*, 1942; *Poesia em Três Tempos*, 1957; *Poema da Busca e do Encontro*, 1958; *As Dádivas*, 1959; *Rio Cancioneiro*, 1960; *Ar Lírico*, 1961; *Romanceiro de Estácio*, 1962; *Tempos Alados*, 1964; *Cancioneiro do Natal*, 1964; *Romanceiro da Abolição*, 1986) (Moisés, 2019, p. 373).

Stella Leonardos também traduziu e adaptou obras de escritores estrangeiros. Destaca-se que sua poesia foi, desde o começo, relacionada ao teatro, talvez por isso, o poema biográfico sobre Castro Alves, intitulado *Palmares*⁹, tenha sido encenada no Theatro Municipal do Rio de Janeiro em 1944. A adaptação contou com a direção de Esther Leão e Paschoal Carlos Magno. Participaram da montagem integrantes do Teatro Experimental do Negro (TEN) que, como explica Gabriel dos Santos Rocha (2022, p. 12), “é um marco na luta antirracismo na história das artes cênicas, e seu legado permanece vivo na luta e nas obras das companhias negras de teatro nos dias de hoje”.

A obra de Stella Leonardos é majoritariamente poética. Ela deu especial atenção a temas da cultura e da história brasileira, abordando temas indígenas e afrobrasileiros, homenageando poetas (exemplos: Castro Alves e Olavo Bilac) e personalidades históricas (exemplos: *Romanceiro de Anita e Garibaldi* – 1977, *Romanceiro de Aleijadinho* – 1984). No “Projeto Brasil”, que reúne várias obras, Stella Leonardos dedicou sua poesia a alguns estados brasileiros (*Romanceiro do Bequimão* (1979), *Rapsódia Sergipana* (1995), *Cancioneiro Capixaba* (2000), entre muitos outros).

Stella Leonardos possui uma grande produção literária que se inicia na década de 1940 indo até a década dos anos 2000. Ela é considerada uma das representantes da Geração de 45, mas sua obra vai muito além, unindo o erudito e o popular; o formalismo poético e, por vezes,

⁹ No site da Enciclopédia Itaú Cultura é possível conferir a ficha técnica dos envolvidos na adaptação de *Palmares*: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/183823-palmares>

o Brasil. As contribuições de Stella Leonardos para a literatura brasileira e para a sua geração poética merecem atenção especial de estudiosos da área das Letras e do público leitor em geral.

1.2 Mulheres na literatura

É importante refletir acerca da ausência das mulheres figurando entre nomes importantes em diferentes setores da sociedade no decorrer dos milênios. Na Grécia antiga, os filósofos Aristóteles e Platão, por exemplo, afirmavam que as mulheres eram inferiores em relação aos homens. Elas não participavam da vida pública e não eram instruídas formalmente. Apesar desse fato, sabemos hoje da existência da poeta Safo.

O acesso ao conhecimento em suas diferentes formas e em seus diferentes campos foi negado às mulheres durante muito tempo e havia poucos espaços em que esse acesso era possível ou defendido. Michelle Perrot (2019) conta que conventos e salões entre a Idade Média e o século XVII eram espaços em que as mulheres tinham acesso à escrita e às artes. Durante o período da Reforma Protestante, a leitura da Bíblia era uma obrigação para todos, consequentemente, isso incentivou a instrução das mulheres. O Iluminismo defendia que as mulheres recebessem educação, mas pensadores como Rousseau defendiam que elas ficassem restritas ao âmbito da família e do lar.

As mudanças de ordem prática na vida das mulheres começam, principalmente, a partir do século XIX e podem ser observadas, no Brasil, em determinados períodos que a pesquisadora Constância Lima Duarte (2003) chama de as quatro ondas do movimento feminista. A primeira onda (1830) é a das letras em que se inicia a luta pela educação das mulheres, para que elas pudessem aprender a ler e escrever. Nesse período, surgem os primeiros jornais produzidos por mulheres. Eles foram importantes veículos de ideias a favor das mulheres. Na segunda onda (1870), jornais e revistas feministas trazem novos temas para discussão: a defesa e a igualdade de direitos (ensino, trabalho, divórcio, voto), divulgação de realizações de mulheres em outros países, uma visão da mulher como essencial para a sociedade, emancipação e denúncia de questões relacionadas ao machismo. A terceira onda (1920), no começo do século XX, aborda reivindicações sobre o direito ao voto, ao curso superior e ao trabalho em escolas e hospitais. O foco é ocupar espaços públicos e não ficar restrita aos espaços do lar. A quarta onda (1970), trata de questões relacionadas ao corpo da mulher: a sexualidade, o prazer, o aborto. Nesse momento, iniciam-se estudos e pesquisas sobre a mulher nas universidades.

O cânone literário ocidental é majoritariamente constituído por escritores e isso é facilmente visualizado em livros de análise, crítica e historiografia literárias, e em livros de antologias de poema, prosa e etc. Destaca-se brevemente dois exemplos do que afirmamos antes. O primeiro é *Mimesis: a representação da realidade na literatura* (1946), de Erich Auerbach. Esse livro contém 20 capítulos em que Auerbach se debruça sobre diferentes obras literárias da cultura Ocidental, em um recorte temporal que abrange da antiguidade ao século XX, e destaca-se que a única escritora citada é Virginia Woolf. Um exemplo menos radical encontra-se no “Ranking: 100 melhores livros brasileiros segundo a Bravo!”, de 2009, realizado pela *Revista Bravo*¹⁰. Nessa lista, dos 100 livros selecionados, nove títulos são de escritoras, especificamente: Adélia Prado, Clarice Lispector, Cecília Meireles, Hilda Hilst, Lygia Fagundes Telles, Rachel de Queiroz.

Sobre a presença limitada das mulheres na literatura, Virginia Woolf faz a seguinte reflexão.

Entre os vários períodos de atividade parecem-se interpor estranhos intervalos de silêncio. Houve Safo e um pequeno grupo de mulheres escrevendo poesia numa ilha grega, seiscentos anos antes do nascimento de Cristo. Veio o silêncio. Então, por volta do ano 1000, encontramos uma dama da corte, a Dama Murasaki, escrevendo um belo e longo romance no Japão. Mas na Inglaterra, no século XVI, período de maior atividade dos poetas e dramaturgos, as mulheres foram mudas. A produção elisabetana é exclusivamente masculina. Então, no final do século XVIII e começo do século XIX, encontramos mulheres que voltam a escrever – agora na Inglaterra – com uma frequência e um sucesso extraordinários (Woolf, p. 105, 2021).

Quando Virginia Woolf se refere às mulheres que escreveram e se destacaram, podemos citar Jane Austen (1775-1817); Mary Shelley (1797- 1851); as irmãs Brontë: Charlotte (1816-1855), Emily (1818-1848) e Anne (1820-1849); George Eliot, pseudônimo masculino de Mary Ann Evans (1819-1880). Hoje, elas são conhecidas e seus nomes, assim como suas obras, fazem parte do cânone literário mundial.

Atualmente, no Brasil, há pesquisadoras e pesquisadores que se dedicam ao resgate e aos estudos de mulheres na literatura. Alguns exemplos de escritoras que ganharam visibilidade são: Maria Firmina dos Reis (1822-1917), considerada a primeira romancista negra brasileira com seu livro *Ursula* (1859); Emília Freitas (1855-1908) que escreveu *A Rainha do Ignoto* (1899), considerado o primeiro livro de literatura fantástica do Brasil; Julia Lopes de Almeida (1862-1943) que escreveu romances, contos, peças de teatro, textos para jornais e foi uma das

¹⁰ Disponível em: <https://bravo.abril.com.br/literatura/ranking-100-livros-essenciais-da-literatura-brasileira-segundo-a-bravo/>

idealizadoras da Academia Brasileira de Letras, mas teve seu nome removido e substituído pelo de seu marido; e Carolina Maria de Jesus (1914-1977) que com seu *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* (1960) retrata o seu dia a dia morando na favela do Canindé (São Paulo) e as dificuldades enfrentadas para conseguir criar os três filhos. Observa-se que, hoje em dia, as obras dessas escritoras são facilmente encontradas para compra em editoras, e as pesquisas sobre elas e suas obras acessíveis em revistas acadêmicas.

Em 1808, a família real portuguesa chegou ao Brasil fugindo de Napoleão Bonaparte. Essa vinda traz alguns benefícios para o país: abertura dos portos, desenvolvimento do comércio, criação da Imprensa Régia, estímulo à educação. Além desses pontos, abriram-se as portas para a circulação de ideias que culminaram na Independência, posteriormente; e de “ideias europeias sobre a posição da mulher na sociedade e de suas reivindicações de igualdade” (Telles, 2001, p. 405). Nesse sentido, destaca-se que, no primeiro romance de Joaquim Manuel de Macedo, *A moreninha* (1844), embora com o desdém do jovem estudante, o narrador informa que a protagonista era leitora de Mary Wollstonecraft.

Os periódicos tiveram papel fundamental para a produção e divulgação da escrita de mulheres, sobretudo os periódicos fundados e produzidos pelas mulheres letradas, “mulheres de classe média, algumas das quais investiram todos os seus recursos neles. Eram tantos que chegaram a formar uma rede, de norte a sul, atentos às publicações e ações de mulheres” (Telles, 2001, p. 426).

A constatação de que a literatura, a imprensa e a consciência feminista surgiram praticamente ao mesmo tempo no Brasil, nas primeiras décadas do século XIX, [...]. Quando as primeiras mulheres tiveram acesso ao letramento, imediatamente se apoderaram da leitura que por sua vez as levou à escrita e à crítica. E independente de serem poetisas, ficcionistas, jornalistas ou professoras, a leitura lhes deu consciência do estatuto de exceção que ocupavam no universo de mulheres analfabetas, da condição subalterna a que o sexo estava submetido, e propiciou o surgimento de escritos reflexivos e engajados, tal a denúncia e o tom reivindicatório que muitos deles ainda hoje contêm. Mais do que os livros, foram os jornais e revistas os primeiros e principais veículos da produção letrada feminina, que desde o início se configuraram em espaços de aglutinação, divulgação e resistência. (Lima Duarte, 2025, p. 71).

Esses jornais apresentavam vertentes ora conservadoras, ora liberais, abordando assuntos diversos, de teor sério a leve, para meninas e mulheres, sobre educação, moda, política, romance etc. Além disso, esses veículos midiáticos foram importantes, pois permitiram a circulação de publicações literárias ficcionais e poéticas de escritoras; e defenderam direitos à educação, profissão e participação política para as mulheres.

O Brasil, enquanto colônia de Portugal, passou bom tempo sob um regime que limitava o país em vários setores e, após a Independência, segundo Guaciara Lopes Louro (2001, p. 443), houve a necessidade de construir uma imagem diferente do país, já que, na condição de colônia, este se apresentava “atrasado, inculto e primitivo”. Mas, para mudar essa imagem era necessário não ficar no âmbito do discurso e realizar mudanças práticas que contribuíssem, de fato, para tornar o país diferente, ou seja, moderno, abandonando, assim, seu passado limitante. A educação era um ponto fundamental para isso. Durante os séculos, o país foi marcado principalmente pela alta taxa de analfabetismo nos ambientes urbano e rural. A questão da exploração da terra e das pessoas, em uma sociedade pautada na escravidão, impediu que se investisse na população, logo, se não há investimento em ensino e oportunidade de aprender, como formar uma população letrada? Louro (2001, p. 444) destaca que as poucas escolas que haviam eram fundadas por ordens religiosas para menino e para meninas. Ler, escrever e dominar as quatro operações fazia parte do currículo comum de ambos, mas, também, havia certas diferenças, destacando-se que para os meninos havia geometria e, para as meninas, costura.

Além dessas diferenças, um elemento também influenciaria significativamente na formação de meninos e meninas, homens e mulheres: a classe social. Pessoas com maior poder aquisitivo poderiam investir em uma formação mais estruturada para além de saber ler e escrever. As moças poderiam, por exemplo, aprender artes relacionadas a música e idiomas, enquanto os rapazes poderiam estudar fora do Brasil fazendo cursos de nível superior. Enquanto isso, as camadas mais pobres da população, pessoas de outras etnias, como os negros e os indígenas, tinham acesso – quanto tinham – ao mínimo.

Com o passar do tempo, a necessidade de modernização da sociedade brasileira e a difusão de ideias que defendiam maiores direitos para as mulheres, entre os quais uma educação que instruisse, contribuiu para o desenvolvimento educacional e profissional das mulheres. Em seguida, o número de mulheres nas escolas normais, espaços dedicados a formação de professores e professoras, aumentou, e lecionar se tornou uma profissão majoritariamente exercida por elas. Posteriormente, as mulheres começam a ocupar espaços no ensino superior, no mercado de trabalho e na política.

A imprensa, em especial, abriu as portas para a circulação de ideias, incentivando a produção intelectual e a produção literária de mulheres. Ainda assim, no decorrer do século XX, tanto a imprensa, como o mercado editorial, são espaços ocupados em grande parte por homens. Porém, há escritoras que se destacaram nas páginas dos jornais e dos livros, e, provavelmente,

um dos nomes mais bem sucedidos em ambas as áreas foi o de Clarice Lispector com suas crônicas, contos e romances, mas é importante destacar que, em 1941, enquanto era estudante de Direito, publicou a enquete intitulada “Deve a mulher trabalhar?”. No volume *Clarice Lispector: Outros escritos* (2005), as organizadoras Teresa Montero e Lícia Manzo escreveram que, neste texto, Clarice “reflete possivelmente sobre sua própria condição de mulher estudante e aspirante a uma carreira, numa faculdade frequentada sobretudo por homens, e onde as mulheres mal chegavam a somar dez por cento dos alunos” (2005, p. 44). As escritoras situadas na Geração de 45 foram contemporâneas de Lispector e, como ela, muitas tiveram acesso ao ensino superior, escreveram para jornais, publicaram livros, mas, também, se dedicaram a outras ocupações. Muitas não têm sido lembradas como escritoras.

Os estudos feministas e de gênero têm realizado contribuições importantes para a literatura. Greicy Pinto Bellin (2011, p. 2) explica que, tais estudos, “desde a década de 1970 têm abalado o cânone da crítica tradicional ao propor um modelo de análise literária que leva em consideração o gênero de autoria das obras, o gênero do leitor e as questões relativas ao papel da mulher como leitora e como escritora”. As análises de obras canônicas e contemporâneas de escritoras e escritores levam em consideração essas e outras questões, como as construções sociais de gênero e os diversos âmbitos da sociedade, enfatizando-se, também, a parte estética que permeia as obras literárias. Esses estudos evidenciam, portanto, a importância de se voltar para a representação feminina e para a produção de escritoras, pontos que, por muito tempo, não receberam atenção, mas que, agora, vem se desenvolvendo cada vez mais, com pesquisas e descobertas que ampliam o olhar de estudiosas(os) e leitoras(es).

1.3 O que é ser escritor

O que é ser escritor? De acordo com o *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (2025, *on-line*)¹¹, escritor, substantivo masculino, é “indivíduo que escreve”; “autor de obras escritas, sejam literárias, sejam culturais, científicas etc., em especial, textos de ficção”. Essa definição remete tanto a um agente que realiza uma ação, quanto a algumas áreas em que textos são produzidos. A partir dessa definição, propõe-se pensar a escrita a partir de três pontos: escrita instrumental, escrita íntima e escrita profissional.

¹¹ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 08 set. 2025.

A escrita instrumental é aquela que a pessoa aprende na escola. Com o passar do tempo, à medida em que vai desenvolvendo e aprimorando essa habilidade, assim como ampliando seu repertório de conhecimento, ela vai se tornando cada vez mais capaz de produzir diferentes tipos de textos. Logo, no âmbito da escrita instrumental, a pessoa escolarizada é uma escritora capaz de produzir diferentes gêneros textuais no dia a dia, seja um bilhete, uma carta, etc.

A escrita íntima é aquela que durante muito tempo foi atribuída às mulheres. É comum, nesse tipo de escrita, destacar-se os gêneros carta e diário. No primeiro, compartilha-se conteúdo entre remente e destinatário, e no segundo, compartilha-se conteúdo apenas consigo mesmo. Na escrita íntima, a pessoa ou as pessoas compartilham questões intrínsecas e extrínsecas sobre suas vidas, seus sentimentos, seus pensamentos. No passado, era comum que a pessoa antes de morrer, ou familiares da pessoa após a morte, destruíssem esses escritos a fim de que não fossem lidos por terceiros. Um exemplo dessa prática são as cartas que Jane Austin e sua irmã, Cassandra Austin, trocavam¹². Após a morte de Jane, Cassandra destruiu a maior parte dessas correspondências, sobrando 160 cartas de milhares que ela escreveu durante a vida. Destaca-se também que é possível encontrar cartas e diários de pessoas famosas em espaços de preservação de documentos ou publicadas em livros. A fim de citar outros exemplos literários, têm-se livros de diários e de cartas escritos por Carolina Maria de Jesus, Sylvia Plath e Virginia Woolf.

A escrita profissional é aquela em que a pessoa exerce a escrita como profissão. O jornalista, por exemplo, trabalha com a escrita produzindo notícias, reportagens e outros textos que são veiculados no formato de texto, áudio ou audiovisual em diferentes plataformas midiáticas, com o intuito de informar as pessoas. O pesquisador da área de ciências humanas, exatas, biológicas entre outras, escreve artigos, dissertações, teses, a fim de divulgar estudos, pesquisas, conclusões que tem relevância para a comunidade científica e para a sociedade.

Agora, voltemos nossa atenção para o escritor que é autor de textos de ficção, ou seja, o escritor de literatura. Este escritor cria histórias a partir de sua própria imaginação que é alimentada pela vida, pelas experiências, pelos aprendizados, por um amplo repertório adquirido em diferentes fontes. Essas histórias se materializam em contos, crônicas, poemas,

¹² 'The truth is she did the right thing': The mystery of why Jane Austen's letters were destroyed – by her own sister. Disponível em: <https://www.bbc.com/culture/article/20250129-the-mystery-of-why-jane-austens-letters-were-destroyed-by-her-own-sister>. Acesso em: 12 set. 2025.

Carta de Jane Austen para irmã deve ser leiloadada por até US\$ 400 mil. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/lifestyle/carta-de-jane-austen-para-irma-deve-ser-leiloadada-por-ate-us-400-mil/>. Acesso em: 12 set. 2025.

romances, teatros etc. Há pessoas que escrevem histórias nesses gêneros textuais para si mesmas e há outras que escrevem tais gêneros de maneira profissional, publicando livros, sendo lidas e reconhecidas pelo público leitor.

Escrever um texto, seja literário ou de quaisquer outras áreas, não é uma tarefa fácil. Em 1952, o poeta João Cabral de Melo Neto (1997) compartilhou, em uma conferência na Biblioteca de São Paulo, suas reflexões sobre a escrita poética (e que podem ser aplicadas à escrita em prosa). No início, Melo Neto (1997) diz que a composição é um assunto complexo, mas, no decorrer de sua fala é possível perceber que essa complexidade também está presente no processo de criação. Para Melo Neto (1997, p. 51), “o ato do poema é um ato íntimo, solitário, que se passa sem testemunhas”, e divide os poetas em duas famílias: os poetas em que a composição é inspiração e os poetas em que a composição é trabalho. Para a primeira família, o poema apresenta contornos subjetivos, ou seja, surge a partir das experiências do próprio poeta. O poeta apresenta uma postura passiva e espera que o poema, seu tema e sua forma venham até ele. Já para a segunda família, o poema é um verdadeiro quebra-cabeça que exige esforço. O poeta quer ver na sua criação a sua própria voz artística. Porém, independente do modo como o escritor vê seu trabalho, como resultado da inspiração ou do esforço, ser escritor de literatura sempre foi um desafio, tanto profissional, como em termos de público leitor – principalmente quando se pensa no cenário socioeconômico brasileiro no decorrer dos últimos séculos.

Randal Johnson (1995, p. 172) explicou que “no Brasil, o mercado para bens simbólicos foi historicamente muito restrito e concentrado, sobretudo por causa da falta generalizada de acesso à educação pública e por causa também dos altos níveis de analfabetismo (1890 – 84%; 1920 – 75%; 1940 – 57%)”. Logo, quem tinha acesso aos bens culturais era uma camada muito pequena da população, ou seja, as elites.

Durante os séculos XIX e XX, o jornal era o espaço para circulação de informações de interesse público e de literatura. Muitos escritores atuavam como jornalistas também, escrevendo notícias, revisando textos e exercendo outras atividades afins. Em um contexto em que era impossível viver da própria arte, era graças ao trabalho nos jornais que muitos conseguiam obter a renda para sobreviver.

Cristiane Costa (2005) compartilha uma pesquisa na qual João do Rio, no início do século XX, questionou 36 intelectuais acerca das atividades jornalística e literária que exerciam. As respostas: “dez acharam que o jornalismo prejudica a vocação literária; onze disseram que

é favorável; onze opinaram que ajuda o aspirante a escritor, mas também o atrapalha; três não responderam à questão; um não entendeu a pergunta” (Costa, 2005, p. 19). É interessante observar que, no geral, as opiniões dos entrevistados revelam uma divisão meio a meio sobre a área jornalística influenciar de forma positiva ou não a escrita literária. Ainda assim, naquele momento, a imprensa configura um importante espaço de divulgação da arte literária (folhetins, lançamentos, etc.) e da consagração do nome do escritor.

No final do século XIX e começo do século XX, escritores trabalhavam como funcionários públicos que, assim como o trabalho nos jornais, era outra fonte de renda e sobrevivência. Em certa medida, o funcionalismo público comprometia a atividade de alguns escritores.

Não é necessário acurado exercício reflexivo, nesse sentido, para perceber que a chamada *literatura oficial* acabou sendo incorporada pelos grupos políticos institucionalizados, que estabeleceram com esta uma duvidosa relação de troca de favores, o que justifica sua natureza oficial. Com efeito, não eram poucos os autores dessa tendência literária [pré-modernismo] que atuavam dentro da esfera pública, o que acabava restringindo sua liberdade criadora e comprometendo sua própria independência diante do poder local. Assim, a literatura oficial surge umbilicalmente ligada à noção estrita de poder político, a um só tempo influenciando e sendo influenciada por este (Silva, 1999, p. 69).

Ainda segundo Maurício Silva (1999, p. 70), esses escritores “acabavam sendo cooptados por um poder político-administrativo ávido em agregar em torno de si nomes que, de alguma forma, pudessem transferir ao governo o peso de suas reputações e prestígio”. Isso contribuía para a ascensão social de escritores.

No começo do século XX, a publicidade de produtos cresce em periódicos e revistas. O livro não ficou de fora, em parte, graças a Monteiro Lobato que considerava esse objeto um meio de consumo que deveria ser acessível. Lobato contribuiu tanto na produção de livros que atraíssem as pessoas, como na distribuição dos mesmos pelo Brasil¹³.

Na década de 1930 e de 1940, graças a alguns fatores, o campo literário brasileiro se estabelece de maneira mais autônoma. Destaca-se que algumas editoras contribuíram para aumentar o número de livros publicados e sua circulação. Johnson (1995, p. 173) explica que a editora José Olympio, por exemplo, criou as condições “para a existência de um pequeno grupo

¹³ Lobato e a máquina de vender livros. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/lobato-e-a-maquina-de-vender-livros/>

de escritores semiprofissionais, relativamente independentes das limitações e das exigências externas que afligiam aqueles que não podiam viver apenas do que escreviam”.

O declínio rápido do preço do café bem como a desvalorização às moedas europeias provocaram um aumento substancial no custo de livros importados e uma queda dramática no volume de sua importação. Desse modo, criavam-se condições, pela primeira vez, para que o livro brasileiro se tornasse competitivo no mercado local, desde o começo do século XIX, abrindo-se, assim, um espaço para a diversificação e a expansão da produção local, bem como para a ficção traduzida (Johnson, 1995, p. 172-173).

Logo, com o mercado editorial brasileiro se desenvolvendo e outros fatores como: a queda das taxas de analfabetismo (principalmente, após a crise econômica de 1929), o estabelecimento de uma crítica especializada oriunda das universidades se contrapondo à crítica feita nas páginas dos jornais, tudo isso contribuiu para que, em certo momento, ocorresse uma separação entre jornalismo e literatura – jornalistas e escritores se profissionalizando em suas respectivas áreas.

Aos poucos, os escritores começam a se afastar e a serem afastados do jornal. O processo se exacerba a partir do *great divide* modernista, entre as décadas de 20 e 50, que, não por acaso, coincide com o primeiro *boom* do mercado editorial brasileiro e com a crescente industrialização dos jornais (Costa, 2005, p. 13).

Ocorre, então, a profissionalização do escritor e outras questões entram em cena. Roland Barthes (2004) explica que, em dado momento, o autor fundante de um texto, uma teoria, uma disciplina etc., era um sujeito importante, sua obra lida e interpretada a partir de seu ponto de vista, sua criação considerada fundamental para o desenvolvimento de outras na sequência. Logo, destacar o nome do autor permite a “individualização na história das ideias, dos conhecimentos, das literaturas, e também na história da filosofia, e das ciências” (Foucault, 2009, p. 267). Isso coloca uma pessoa em evidência, atribuindo-lhe uma série de discursos detentores de uma determinada relevância artística, científica, histórica, entre outras áreas. Na modernidade, “reinventar a roda” é uma tarefa cada vez mais difícil. O autor cria, mas faz isso imbuído em vozes e referências que lhe antecedem. É nesse cenário que se dá a discussão sobre a morte do autor, a obra se sobrepõe ao seu criador. Michel Foucault (2009) explica que, se antes, a obra era responsável por dar imortalidade, agora, ela mata seu autor.

Um texto é feito de escrituras múltiplas, oriundas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação; mas há um lugar onde essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, como se disse até o presente, é o leitor: o leitor é o espaço mesmo em que se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que é feita uma escrita; a unidade do texto não está na sua origem, mas no seu destino, mas esse destino já não pode ser pessoal (Barthes, 2004, p. 64).

Um escritor, na maior parte das vezes, não escreve somente para si mesmo, mas porque deseja ser lido. Portanto, a morte do autor deve ser interpretada da seguinte maneira: a obra não deve ser lida pelo olhar, pela vivência de seu criador. A leitura de uma obra, em especial de um escritor literário, acontece, principalmente, a partir dos leitores que entram em contato com ela. Os leitores são responsáveis por dar vida ao texto literário, seja este um poema, romance, teatro, não importa.

As pessoas são dotadas de capacidade criativa para escrever histórias, poemas e tantos outros textos. Mas quem escreve profissionalmente deseja ser publicado, lido e reconhecido pelos leitores – as vezes, isso acontece em vida, outras, após a morte. Nos tempos atuais, os meios de comunicação e as redes sociais são espaços de divulgação de histórias e de livros. Ser escritor/autor, especialmente de literatura, é dar vida a histórias, personagens, cenários, acontecimentos que nascem na mente de uma pessoa através de ideias e inspirações diversas, capazes de alimentar a mente e a vida de leitores.

CAPÍTULO 2

2.1 Acervo: espaço de preservação e de pesquisa

A memória é uma faculdade mental importante do ser humano. Segundo Mourão Júnior e Faria (2015, p. 780): “chamamos de memória a capacidade que os seres vivos têm de adquirir, armazenar e evocar informações”. A memória é complexa, pois aciona mecanismos físicos e químicos. Ela pode ser dividida em diferentes tipos, por exemplo, memória sensorial e memória de trabalho. É graças a memória que o cérebro arquiva informações importantes.

Armazenar informações envolve três processos: aquisição, consolidação e evocação. De maneira resumida: na aquisição, a informação chega no sistema nervoso; na consolidação, a informação é armazenada; e, na evocação, a informação é retomada (Mourão Júnior e Faria, 2015). Já a informação considerada irrelevante é descartada.

A mente humana, além de possuir capacidade de lembrar, também possui capacidade de criar. A ação de criar implica a materialização de algo que, por vezes, muda a vida das pessoas, inclusive, voltando no tempo, pode-se pensar na escrita, e, na contemporaneidade, pode-se pensar na internet. A escrita e a internet – assim como as câmeras filmadoras e fotográficas, os desenhos, os livros e tantos outros – são exemplos de criações que contribuíram (e continuam contribuindo) para preservar a memória e a história de indivíduos e da humanidade.

É um fato que quando a memória não é preservada, seja através da oralidade, seja através da materialidade, lembranças, informações e afins podem se perder no decorrer do tempo ou podem se perder para sempre. Por isso, é importante que existam espaços para guardar e perpetuar aquilo que é relevante e significativo. Aqui, destaca-se o acervo.

Acervo pode ser definido como um conjunto de arquivos que reúne diferentes materiais de uma pessoa ou de uma instituição, acumulados durante a sua vida, a sua existência (Arquivo Nacional, 1985)¹⁴. Esses materiais abrangem documentos, correspondências, manuscritos, livros, obras de arte, entre outros.

Os acervos podem ser divididos em físico e digital. No passado, os acervos apresentavam um caráter analógico e eram formados por materiais que podiam ser manuseados e/ou vistos apenas presencialmente. Hoje, com o avanço das tecnologias, os acervos são formados por conteúdos digitais e, muitas vezes, são produzidos e armazenados em

¹⁴ Disponível em: <https://www.gov.br/conarq/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/ManualIdentificacaoAcervosDocumentais.pdf>

computadores e celulares. Esse avanço também é benéfico no tratamento de arquivos antigos, pois, com o processo de digitalização é possível escanear ou fotografar tais arquivos e, conseqüentemente, torná-los acessíveis em espaços virtuais, facilitando o acesso das pessoas para diversos fins.

Acervo, seja de uma pessoa, seja de uma instituição, apresenta funções importantes, entre as quais, destacam-se a preservação, pois reúne histórias, memórias e objetos de uma determinada época ou épocas, dependendo do que é produzido, reunido e guardado; e a pesquisa, pois todos os materiais reunidos podem ser uma fonte de consulta e de produção de conhecimento por profissionais de diferentes áreas: biógrafos, escritores, historiadores, letrólogos, etc.

Por vezes, os acervos nascem em ambientes privados, atendendo a certas necessidades de seus criadores. Logo, há acervos que se propõem a guardar tanto arquivos diversos, como arquivos específicos. O acervo de um escritor ou escritora, por exemplo, pode reunir cartas, documentos, fotografias, jornais, livros, enfim, materiais de sua autoria ou de autoria de terceiros, materiais pessoais ou trocados com outras pessoas, manuscritos e objetos variados. Reinaldo Marques (2014) nomeia os arquivos de um escritor de arquivos literários.

Os arquivos literários constituem mediações importantes para o desenvolvimento de pesquisas com as fontes primárias e documentais da literatura, contribuindo para o surgimento de novas abordagens críticas – a exemplo da crítica genética –, a revitalização de antigos discursos críticos, como nos casos da crítica biográfica e da história da literatura, e o incremento de uma metodologia transdisciplinar de pesquisa no âmbito dos estudos literários (Marques, 2014, p. 18).

Os arquivos literários de escritores são importantes para a realização de pesquisas nos estudos literários, pois permite que estudiosos e pesquisadores possam fazer novas descobertas e reflexões, principalmente, ao entrarem em contato com as fontes primárias (ou arquivos primários) que são aquelas produzidas diretamente pelos próprios escritores. Alguns exemplos deste tipo de fonte são manuscritos como cartas e diários. Há também as fontes secundárias (artigos, biografias, etc.) que se originam e produzem conhecimento a partir das fontes primárias, e as fontes terciárias (base de dados, bibliografias, etc.) que organizam e sistematizam os materiais das duas fontes anteriores.

Reinaldo Marques (2014) explica que realizar pesquisa com arquivos literários e fontes primárias pode ser desafiador devido à falta de organização ou localização imprecisa de documentos, questões legais e veto de familiares. Instituições de âmbito público e privado que

reúnem e preservam acervos de escritores, além de auxiliarem no tratamento de tais questões, facilitam o processo de realização de pesquisas.

Os acervos e arquivos literários de escritores merecem atenção especial quando o assunto é produzir um perfil biográfico. Eneida Maria de Souza (2011) destaca que esses acervos são espaços riquíssimos por conterem materiais de uma vida inteira, entre correspondências, documentos, fotografias, livros, objetos e afins. Todos esses elementos merecem atenção no processo de escrita de um texto que se proponha a falar sobre uma pessoa.

O acervo e o arquivo literário de um escritor merecem um olhar atencioso, pois implica entrar em contato com conteúdo e material pessoal, familiar, criativo, intelectual. Cada detalhe é importante e relevante, pois, não se trata somente de um profissional da criação literária, mas, também, de uma pessoa permeada por outras questões como quaisquer outra. Portanto, o acervo e o arquivo literário são importantes fontes para a realização de pesquisas, descobertas e reflexões nos estudos literários, e, ao mesmo tempo, disseminar a obra e preservar a trajetória artística e literária de um escritor.

Na visita que fizemos à Academia Carioca de Letras, deparamo-nos com um espaço contendo mesa grande, cadeiras destinadas a palestrantes, cadeiras para o público, armários contendo documentos e objetos; quadros de escritoras e escritores nas paredes; placas de metal contendo nomes de escritoras e escritores que ocuparam e ocupam cadeiras na Academia; e, ao fundo, uma estante de cor marrom escuro com portas de vidro que reúnem vários livros de escritoras e escritores. Essa estante configura uma biblioteca e possui, em uma de suas portas, uma placa com o nome “Biblioteca Stella Leonardos”. Destaca-se que um dos quadros é um retrato de Stella Leonardos pintado por Israel Pedrosa. Esse quadro se encontra pendurado em cima da parte destinada aos palestrantes. Portanto, a sala da Academia Carioca de Letras não é somente um espaço de reunião para os acadêmicos e outras pessoas, mas um espaço que homenageia e preserva documentos, livros, objetos e quadros de escritoras e escritores que possuem vínculo com a instituição. Isso também se aplica ao Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa que, entre os materiais guardados, preservados e disponíveis para consulta, encontra-se o acervo literário de escritores, em especial, o acervo de Stella Leonardos, doado por ela em 2001.

2.2 Biografia e perfil

Biografia, palavra de origem grega que significa escrita da vida, refere-se a um gênero textual milenar que desperta o interesse de leitoras e leitores até os dias de hoje. Destaca-se que escrever sobre a vida de uma pessoa não é algo simples, pois, na prática, a vida é complexa e as pessoas possuem camadas que envolvem elementos internos e externos.

Segundo Antonio Hohlfeldt (2015), o conceito de biografia passou por mudanças no decorrer do tempo. A partir de um apanhado teórico, Antonio Hohlfeldt (2015) destaca alguns pontos que definem esse conceito. A biografia pode ser entendida como: uma obra que surge de uma intensa pesquisa sobre uma pessoa; um gênero híbrido que dialoga com diferentes campos do conhecimento (história, literatura, jornalismo e etc.); uma narrativa que aciona diferentes metodologias a fim de reconstruir a trajetória de uma pessoa; uma reconstrução de uma determinada época; um registro de memórias; um trabalho artístico realizado por um autor.

A biografia, segundo François Dosse (2015), surge no século V a. C. ao lado do gênero histórico e ganha espaço na Grécia antiga no século IV a. C. Em seus primórdios, a biografia focava em pessoas públicas que possuíam algum tipo de poder e relevância. Assim como a história, a biografia demonstrava uma preocupação em preservar acontecimentos e personalidades a fim de permitir que tais elementos pudessem ser resguardados para a posteridade.

Um nome importante para a história da biografia é Plutarco (45 d. C.) que, com sua obra *Vidas Paralelas*, contribuiu para consolidar o gênero biografia. Em *Vidas Paralelas*, Plutarco biografava nomes de líderes importantes da Grécia e de Roma – César e Alexandre, respectivamente –, abarcando pontos altos e baixos, assim como pontos psicológicos, de defeitos e de virtudes, evidenciando a complexidade desses homens.

No decorrer dos séculos, a biografia vai passar por diferentes fases, com foco nos tipos biografados. Tanto François Dosse (2015) quanto Antonio Hohlfeldt (2015) abordam essas fases que podem ser observadas em uma perspectiva linear temporal: a idade heroica, a biografia modal, a idade hermenêutica e a biografia intelectual.

A idade heroica se refere ao período da Antiguidade em que se origina o gênero biográfico. Como já dito, é um momento em que o olhar do biógrafo se volta para pessoas importantes, suas ações e vidas públicas. Essas pessoas serviam de modelo para seus

contemporâneos e para as gerações seguintes, ou seja, eram verdadeiros exemplos éticos, morais e profissionais.

Na biografia modal, a pessoa biografada reflete o coletivo. A partir desse ponto de vista, o sujeito centro da biografia revela não somente sobre si mesmo, mas, também, sobre seu momento histórico, sua geração, sua cultura, suas relações sociais, enfim, sobre aquilo que lhe é externo, aquilo que molda o seu entorno e o de terceiros. Nesse momento, devido a esse caráter social, ocorre um diálogo com a antropologia, sociologia e áreas afins.

Na idade hermenêutica, a biografia ganha contornos reflexivos “sobre o que é o sujeito e os processos de subjetivação” (Dosse, 2015, p. 229). Portanto, o sujeito volta a ser o centro da biografia, mas, agora, levando-se em conta sua singularidade e sua pluralidade. Aqui, ocorre uma ruptura com o tempo a partir de uma perspectiva linear, tendo em vista que a vida não apresenta uma configuração perfeita e retilínea, ocorrendo percalços pelo caminho e mudanças no próprio sujeito.

Por fim, a biografia intelectual se volta para os homens de letras e suas obras. Aqui, autor e obra não são interpretados separadamente, mas lidos e compreendidos em “via de mão dupla”. Nas palavras de François Dosse (2015, p. 361): “o homem de ideias se deixa ler por suas publicações, não por seu cotidiano”.

Na contemporaneidade, a biografia segue despertando o interesse das pessoas, principalmente biografias de celebridades. Felipe Adam e Antonio Hohlfeldt (2022) realizaram uma pesquisa sobre o consumo de biografias no Brasil. Os autores fizeram um levantamento “a partir da lista dos vinte livros mais vendidos na categoria não-ficção no período de 2010 a 2019” (Adam e Hohlfeldt, 2022, p. 83) no site *Publishnews*. Eles obtiveram os seguintes resultados: em 2010, 8 narrativas biográficas configuraram entre as mais vendidas; em 2011, 6; em 2012, 8; em 2013, 11; em 2014 e 2015, 13; em 2016, 12; em 2017, 9; e em 2018 e 2019, 5. Eles também categorizaram as ocupações dos biografados e identificaram a predominância de pessoas famosas nos meios televisivo, religioso, musical, empresarial e digital. Tanto nos primórdios como na atualidade, a biografia, por vezes, focaliza as histórias de pessoas importantes ou conhecidas, inicialmente, servindo como modelos éticos e morais, e hoje, satisfazendo a curiosidade do público.

O gênero biografia exerce uma fascinação sobre as pessoas, e isso ocorre porque esse tipo de texto conta sobre uma vida “una, indivisível, irrepetível, intransmissível” (Carino, 1999, p. 154). Conhecer uma pessoa através de sua vida, de sua trajetória, permite entrar em contato

com uma subjetividade que tem muito a contar, a ensinar e, ao mesmo tempo, permite conhecer um pouco mais sobre a época em que ela viveu. É como explica Christine Delory-Momberger (2012): cada pessoa é um indivíduo constituído e atravessado por vários elementos internos e externos, e é exatamente isso que faz com que cada um seja singular. Outras motivações que despertam o interesse das pessoas pelas biografias são: o espelhamento, ou seja, a identificação que as pessoas encontram em outras; a possibilidade de entrar em contato com sociedades e culturas diferentes. No passado, isso ocorria por meio da oralidade, das artes e dos livros. Hoje, adiciona-se a esses elementos, principalmente, as mídias audiovisuais e as redes sociais.

O processo de biografar é um trabalho de pesquisa e de investigação que requer não somente dedicação, mas, também, atenção e paciência para identificar informações importantes sobre alguém. A coleta de informações sobre um biografado pode acontecer por meio da própria pessoa e, também, a consulta a outras fontes que contribuem para reconstituir a trajetória do biografado. Ruy Castro (2022) apresenta essas fontes em escritas, orais e digitais.

As fontes escritas constam de material de imprensa, registros em arquivos e toda espécie de documentos de certidões de nascimento, carteiras profissionais e passaportes até folhas corridas, autos de processos e autópsias. As fontes orais envolvem conversas com o maior número possível de pessoas que conviveram pessoal ou profissionalmente com o biografado – que o amaram ou odiaram ou só o conheceram de passagem, mas de passagem significativa. E as fontes digitais são um mundo à parte – os registros mais remotos sobre o biografado podem estar num site ou arquivo de que nem se suspeitava (Castro, 2022, p. 23).

Para a realização do trabalho de biografar, Maria Eunice Moreira e Anna Caballé (2018) destacam a importância de o biógrafo possuir uma postura ética.

A biografia, porém, requer *un humus* adequado para se desenvolver. Requer liberdade e um espírito democrático que aceite a possibilidade de revisar a singularidade de uma trajetória humana sem condicionamentos espúrios que determinem seus objetivos. Sem falsidades e imposturas. Essa revisão do passado é imprescindível nas Humanidades, nossa razão de ser como disciplina (Moreira; Caballé, 2018, p. 187).

Além do rigor metodológico que contribui para validar a biografia como uma disciplina, quando o biógrafo se atém aos fatos, isso demonstra respeito com a pessoa biografada e com o público que irá entrar em contato com a história dessa pessoa. Destaca-se também que não é função do biógrafo criar expectativas e muito menos julgar o seu biografado. Nas palavras de Sergio Vilas-Boas (2014, *on-line*): “Em vez de formular hipóteses, entro no mundo da pessoa sem preconceitos, suposições ou teses; tento conhecer algumas de suas facetas [...]; e não idealizo ninguém, jamais. As pessoas são o que são. E que assim sejam”.

Escrever uma biografia implica diferentes etapas. Ruy Castro (2022) as divide da seguinte maneira: a escolha do biografado, a apuração das informações, a escrita da biografia e a edição do livro. No segundo e terceiro processos, é importante que o biógrafo se atente aos fatos, pois isso contribui para um registro mais fidedigno sobre uma vida. Não cabe ao biógrafo inventar ou mesmo florear a narrativa biográfica, pois, caso isso aconteça, a biografia pode se tornar uma biografia romanceada e, neste caso, não pode ser considerada uma biografia, já que apresenta elementos ficcionais (caso o autor opte por escrever uma narrativa que apresenta uma certa liberdade criativa no processo de contar sobre a vida de seu biografado, ele deve deixar isso claro).

Pierre Bourdieu (2002, p. 183), por exemplo, desconfia da biografia, pois, para ele “a história de vida é uma dessas noções de senso comum que entraram como contrabando no universo científico”, e explica que “uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história”. Para Bourdieu, essa reunião de acontecimentos implica em uma cronologia, uma linearidade. Porém, organizar esses acontecimentos por meio do relato biográfico, ou mesmo autobiográfico, pode ser desafiador, já que o biógrafo se vale da memória do biografado e de outras fontes de informações que, na prática, não seguem uma sequência linear. O desafio do biógrafo está em selecionar e organizar todo o material que tem em mãos em uma narrativa coerente, resultando na “criação artificial de sentido” (Bourdieu, 2002, 185), pois não é possível ter acesso a uma vida como um todo. É interessante pensar que para além do desafio do biógrafo, a própria vida não é algo sem movimento, as pessoas não são seres estáticos, mas pelo contrário.

A biografia é um gênero em que um escritor se propõe a escrever sobre uma vida, mas, na prática, é impossível acessar todos os fatos e detalhes de uma vida por inteiro. Memórias, documentos, registros, enfim, muitos elementos se perdem com o passar do tempo. Consequentemente, escrever uma biografia implica selecionar fatos, momentos, lembranças e, por meio da seleção de partes importantes, marcantes e relevantes, organizar a narrativa de uma vida com “aquilo que seja significativo para a *economia* do texto, dando-lhe sentido e possibilidade de compreensibilidade e significação” (Hohlfeldt, 2015, p. 72).

Existem gêneros textuais que possuem algumas características semelhantes à biografia e, aqui, destaca-se o perfil.

O que mais se aproxima da biografia é o perfil. É uma biografia de bolso, mais curta, o que não a obriga a ser superficial ou leviana. Quando bem executado, o perfil resume

a vida de alguém ao essencial, geralmente em associação com algum fato, época ou ângulo específico. E o correto é que esse ângulo esteja explicitado na capa. Exemplos: a vida íntima (não profissional) de um campeão da Fórmula 1, a carreira profissional (não pessoal) do famoso cantor ou a trajetória do político tal antes de chegar ao poder (Castro, 2022, p. 27).

O perfil, ao contrário da biografia, propõe abordar um determinado recorte (ou alguns recortes) da vida de alguém, caracterizando-se pela concisão e, ao mesmo tempo, pela profundidade. Ruy Castro (2022, p. 27) explica que enquanto o perfil captura uma pessoa somente de lado, a biografia captura uma pessoa “de frente, de costas, de cabeça para baixo e de dentro para fora”.

Sergio Vilas-Boas (2014, *on-line*)¹⁵ explica que o perfil é um gênero com mais de um século de existência presente em periódicos. Para ele, o perfil foca na pessoa perfilada, provocando envolvimento por meio da curiosidade e da surpresa. A produção de um perfil também envolve pesquisa e seleção de informações. Para a escrita do perfil, algumas orientações que merecem atenção são as seguintes: seleção e encadeamento de alguns episódios, atenção a detalhes importantes, uso de elementos que permitam um diálogo intertextual com a pessoa focalizada no perfil.

¹⁵ A arte do perfil. Disponível em: <https://sergiovilasoas.com.br/jornalismo/a-arte-do-perfil/>. Acesso em: 12 dez. 2025.

CAPÍTULO 3

“Hás de ser poetisa, menina”: O início da trajetória literária de Stella Leonardos – 1923 a 1940

Em 11 de junho de 2019, falecia, no Rio de Janeiro, a escritora Stella Leonardos da Silva Lima Cabassa. No decorrer de seus 95 anos, dedicou-se à literatura, escrevendo prosa e poesia. Ela produziu mais de 100 obras que abarca todas as idades, do público infantojuvenil ao público adulto.

Stella Leonardos foi reconhecida pelos seus pares e recebeu medalhas, títulos, troféus e prêmios. Para exemplificar, alguns prêmios que recebeu pela Academia Brasileira de Letras evidencia o ecletismo de suas produções.

- ✚ Prêmio Coelho Neto (Teatro em verso) por *Trilogia biográfica*, 1945;
- ✚ Prêmio Olavo Bilac (Poesia) por *Poesia em três tempos*, 1957;
- ✚ Prêmio Julia Lopes de Almeida (Romance) por *Estátua de sal*, 1960,
- ✚ Prêmio Odorico Mendes (Tradução) por *O século das luzes*, de Alejo Carpentier, 1978;
- ✚ Prêmio Monteiro Lobato (Literatura Infantil) por *Macaquezas do Macaco Malaquias*, 1979;
- ✚ Prêmio João Ribeiro (Filologia, Etnografia e Folclore) por *De líricas românicas e outras líricas*, 1980;
- ✚ Prêmio Roquete Pinto (Etnografia e Filologia dos nossos índios) por *Memorial de Rondon*, 1986;
- ✚ Prêmio Artur Azevedo (Teatro) por *Auto dos reis e seus camelos reais*, 1987;
- ✚ Prêmio Coelho Neto (Romance) por *Água brava*, 1994.

E, também, ocupou cargos e participou de diferentes instituições ligadas às atividades cultural e literária:

- ✚ secretária-geral da União Brasileira de Escritores (UBE);
- ✚ participação na Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), na Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes (ABRATES), no PEN Clube do Brasil, no Instituto Brasileiro de Cultura Hispânica e na Associação Brasileira de Crítica Literária;
- ✚ membro correspondente da Academia Mineira de Letras, pertenceu a Academia Maranhense de Letras e a Academia Carioca de Letras;
- ✚ sócia do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro.

Stella Leonardos se graduou em Letras Neolatinas na Universidade Nacional do México, em Inglês na Columbia University nos Estados Unidos e em Literatura Brasileira na Universidade do Rio de Janeiro. Dedicou-se a divulgar a Literatura Catalã¹⁶ e ministrou o curso “Três líricas românicas: moçárabes, catalães e romenos” na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A escritora é associada à Geração de 1945. Entre as propostas artísticas e literárias do Modernismo, destaca-se a valorização de elementos da cultura nacional, dando visibilidade para suas Histórias, estórias, heróis e populário. A literatura escrita por Stella contemplou esse objetivo no decorrer de várias décadas, com ênfase para o “Projeto Brasil”, trabalho grandioso em que ela se dedicou a poematizar estados brasileiros através do cancionero, do romanceiro e da rapsódia; e explorou outras manifestações poéticas: a lírica com temas subjetivos e emotivos; e a lírica neolatina que provém das línguas originadas do latim.

Stella descende de uma família de escritores que produziram literatura, crítica, biografia, teatro, trabalhos científicos e muito mais. Durante sua vida, ela também manteve contato e amizade com escritores e pessoas que tinham afinidade com as letras. Em cartas para Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e Plínio Doyle¹⁷, por exemplo, é possível perceber a admiração e o respeito nas missivas trocadas. Nas correspondências, compartilhavam “figurinhas literárias” sobre textos escritos, publicados, poemas, opiniões, elogios, felicitações.

Com esses parágrafos iniciais, é possível conhecer brevemente uma parte do todo da trajetória artística e literária de Stella Leonardos.

Toda trajetória tem um começo e com Stella não seria diferente, por isso, agora, voltemos a atenção para o passado, regressando algumas décadas no tempo a fim de conhecer um pouco sobre suas origens e, principalmente, o início de sua relação com a literatura nos primeiros anos de vida até o momento em que começa sua atuação como escritora.

— x —

¹⁶ Em 1969, é lançada a *Antologia de Poesia Catalã Contemporânea*, com poemas selecionados e traduzidos por Stella.

¹⁷ Graças ao incentivo de Plínio Doyle, Stella Leonardos doou uma lista contendo suas publicações e seu acervo literário para a Fundação Casa de Ruy Barbosa em 2001.

Em 1º de agosto de 1923, nasceu no bairro da Gávea, no Rio de Janeiro, Stella Leonardos da Silva Lima, filha de Alice Leonardos da Silva Lima e de Antônio Caetano da Silva Lima. Alice tinha ascendência grega e era escritora. Alguns de seus títulos são *Teatro infantil* e *Ouvindo estrelas* – este último premiado pela Academia de Letras em 1929. Antônio Caetano era maranhense¹⁸ e engenheiro.

Além da mãe de Stella Leonardos, outras pessoas de sua família também deram vida a obras literárias. Sua tia Leilá Leonardos escreveu *O que a velha paineira contou* e *A lenda da casa branca*. Seu avô materno, Henry Leonardos, escreveu *Oração ao sol* e *A ressurreição de Lázaro*. Seu trisavô materno, Joaquim Norberto de Souza e Silva¹⁹, era escritor e historiador. Joaquim Norberto escreveu diferentes obras durante sua vida, entre biografia, poema, romance e teatro. Ele foi presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) entre 1886 e 1891, colaborou com a revista do IHGB e outras revistas e jornais. Entre as contribuições mais importantes de Joaquim Norberto, destacam-se os estudos sobre a história da literatura brasileira, abordando e preservando as suas origens. Antônio Vieira dos Santos foi um de seus antepassados. Ele nasceu em Portugal e, ainda na infância, veio para o Brasil e foi naturalizado brasileiro. Entre as atividades exercidas, foi funcionário público e historiador. Além disso, foi patrono da cadeira de número 1 da Academia Paranaense de Letras e é considerado o pai da história paranaense, pois registrou a história das primeiras cidades do Paraná.

— x —

Na infância, os familiares de Stella tinham o hábito de contar histórias para a menina. Seus avós liam histórias fantásticas do folclore brasileiro e da mitologia grega, e seu pai contava histórias inventadas. No jardim de infância, participou de peças teatrais como autora e atuando.

Quando tinha seis anos, ela lia e tentava entender as histórias nas páginas dos livros. Aos sete, recitava trechos de *Páginas de Ouro da Poesia Brasileira* (1911)²⁰, antologia poética organizada pelo poeta Alberto de Oliveira, que trazia os nomes de Claudio Manoel da Costa,

¹⁸ Em 1979, Stella publicou *Romanceiro do Bequimão*, e em 1980, *Cancioneiro de São Luís* – obras referentes ao estado natal de seu pai.

¹⁹ Stella, em 15 de abril de 1999, toma posse na Academia Carioca de Letras e passa a ocupar a cadeira de número 10, que tem como patrono Joaquim Norberto.

²⁰ Disponível em: <https://archive.org/details/3318763/page/n423/mode/2up>

Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo, Machado de Assis, Castro Alves e muitos outros poetas nacionais que viveram nos séculos passados.

Na infância, tinha um escritor preferido: Monteiro Lobato – sempre lembrado pela sua obra mais famosa: *Sítio do Pica Pau Amarelo*. Havia quem dissesse que Stella se parecia com uma das personagens do *Sítio*: a menina Narizinho, dona da boneca de pano mais faladeira da literatura infantojuvenil brasileira, a Emília. A menina Stella gostava da comparação e tinha uma boneca que falava.

As histórias ouvidas e lidas também chegavam até a menina através de pessoas próximas. Alberto de Oliveira era amigo e frequentava a casa de sua família. Ele recitava poesias que a menina gostava de ouvir. Um dia, Alberto disse para Stella: “hás de ser poetisa, menina”. A frase ficou na memória e o tempo seguiu.

No início da adolescência, um momento marcou Stella. Quando tinha 12 anos, escreveu sua primeira poesia quando estava de castigo. Escreveu o poema às lágrimas e colocou no travesseiro de sua mãe. Alice, diante do gesto, perdoou a filha.

Nos anos seguintes, a literatura seguia atraindo Stella. Com 13 anos, continuou interessada na poesia e escrevia poemas em seus cadernos. Nesse período, a menina se aventurou a escrever um romance que, posteriormente, rasgou. E aos 15, apresentava gosto tanto pela poesia quanto pela prosa, e continuava se aperfeiçoando: começou a estudar tupi, cursou datilografia, estudou inglês e francês.

No dia 20 de janeiro de 1940, Stella teve seu primeiro poema publicado na revista *Fon-Fon*²¹. O poema foi enviado por alguém de sua família, sem que ela soubesse.

²¹ *Fon-Fon* foi uma importante revista carioca que circulou entre 1907 a 1958. Apresentava como proposta dialogar com a modernidade de sua época, trazendo em suas páginas assuntos diversos que abordavam desde literatura até atualidades. Apostava no humor e nas imagens para atrair leitores. Disponível em: <https://nanquim.com.br/revista-fon-fon/>

UNS OLHOS

No rastro azul da saudade,
ficou-me a felicidade
dos olhos que mais amei...

Vejo-os sempre, como á tarde
mergulhada em soledade:
a tarde em que te deixei...

Punhaes, espadas e guantes,
são esses olhos brilhantes,
algozes de minha magua...

Mas, cavalheiros errantes,
caminham sempre, distantes,
sem ver os meus, razos dagua...²²

“Uns olhos” foi o primeiro de muitos outros poemas, recortes de obras e textos de Stella que seriam estampados nas páginas de periódicos e de revistas futuramente.

— x —

Em 1940, aos 16 anos, Stella estava concluindo o curso ginásial. Nesse momento, sua família reúne alguns de seus poemas a fim de publicá-los. Esse processo dá origem ao seu primeiro livro: *Passos na areia*, obra com 32 páginas e 16 poemas, dedicada aos seus pais. Os poemas de *Passos na areia* apresentam uma voz poética sentimental e visual, voltando-se para o ser amado, a saudade; e para a natureza, a terra, o mar, as montanhas.

²² O poema foi transcrito da mesma forma como foi publicado na revista.
Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/259063/101439>

Passos na areia recebeu breves comentários elogiosos em alguns jornais, destacando tanto a jovialidade da poetisa, quanto a jovialidade dos temas trazidos nos poemas. Além disso, esses comentários vieram acompanhados de poemas presentes no livro, entre os quais: “Paralelas”, “Poeira de estrelas” e “Quando estás junto de mim”²³.

PARALELAS

Vidas há que, paralelas,
vencendo juntas procelas,
vão-se juntar no infinito...

E, apesar de separadas,
trilham juntas nas estradas,
juntas tendo o mesmo fito.

Pois assim são nossas vidas:
duas retas divididas
que não se podem cruzar.

Juntas têm o mesmo fito,
juntas vão ao infinito
sem nunca mais se encontrar.

Em *Paralelas*, estruturado em versos heptassílabos, o eu-lírico fala sobre as adversidades da vida que são compartilhadas. Mesmo assim, essas vidas se assemelham a duas

²³ “Paralelas” publicado em Fon Fon: Semanario Alegre, Politico, Critico e Esfusiante (RJ) em 09/08/1941. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/259063/105720>
“Poeira de estrelas” e “Quando estás junto de mim” publicados em Anuario Brasileiro de Literatura (RJ) em 1941. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/158550/1844>

retas paralelas que, como na geometria, seguem pelo infinito, mas nunca se cruzam, nunca se encontram.



Foto 1 – *Passos na areia*. Acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. Foto de Patricia Pereira de Sousa.

Na sequência, Stella publica uma segunda obra poética: ... *E assim se formou a nossa raça* (1941). O livro apresenta capa de Alberto Lima, prefácio de Modesto de Abreu e é dividido em quatro partes: “Os donos da terra”, “Os conquistadores”, “Gente de fora” – que fazem referência, respectivamente, aos indígenas, portugueses, africanos –, e “E assim se formou a nossa raça”.

... *E assim se formou a nossa raça* foi publicado em menos de um ano, já apresentando características distintas em comparação com o primeiro livro. Agora, o tema em foco é as origens do Brasil, as lendas e tradições, trazendo descrições da natureza e evocando os tipos históricos que fazem parte da formação do país. A estrutura apresenta estrofes longas que dialogam com o gênero teatro, indicando as falas e os personagens. Ao final, o livro apresenta um glossário de termos indígenas. Trata-se da primeira obra da escritora que apresenta uma poesia narrativa e performática.



Foto 2 – ... *E assim se formou a nossa raça*. Acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. Foto de Patricia Pereira de Sousa.

Em 1942, Stella publica *A grande visão* que apresenta estrutura semelhante a ... *E assim se formou a nossa raça*, porém, o tema é outro: Raposo Tavares (1598-1658) – bandeirante português que realizou excussões pelo Brasil a dentro em busca de metais preciosos, além de aprisionar e negociar indígenas. Essas atividades contribuíram para ampliar o território a favor dos portugueses.



Foto 3 – *A grande visão*. A capa apresenta uma ilustração que remete ao bandeirante Raposo Tavares. Acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. Foto de Patricia Pereira de Sousa.

Em seguida, Stella Leonardos publica a *Trilogia biográfica*, teatro em verso lançado em três volumes: *Marabá* (1942), *Palmares* (1943) e *Rufa ao longe um tambor* (1943). Cada volume trata da vida de um poeta brasileiro: *Marabá* é sobre Gonçalves Dias; *Palmares*, Castro Alves; e *Rufa ao longe um tambor*, Olavo Bilac.

Entre 1944 e 1945, a *Trilogia biográfica* realizou alguns feitos: ganhou o prêmio Coelho Neto pela Academia Brasileira de Letras; e o segundo volume, *Palmares*, foi encenado no Theatro Municipal do Rio de Janeiro pelo Teatro do Estudante do Brasil (TEB) com participação do Teatro Experimental do Negro²⁴ (TEN)²⁵. Além disso, as obras foram transmitidas pela Rádio Mayrink Veiga e pela Rádio Ministério da Educação – a primeira, era mais voltada ao entretenimento, e a segunda, a conteúdos educacionais.



Foto 4 – “Rufa ao longe um tambor” – terceiro volume da *Trilogia biográfica*. O livro, dedicado a Olavo Bilac, apresenta na capa uma ilustração do poeta dentro do círculo. Acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. Foto de Patricia Pereira de Sousa.

Em 1944, um novo livro de teatro em verso é publicado: *Flama sagrada*, que em quatro atos, apresenta um recorte histórico que se passa no século XVIII, trazendo personagens da corte portuguesa, entre os quais, tem-se Dom João e Carlota Joaquina.

Em 1946, Stella publica o livro de poemas *A terra canta!*. No começo, há uma foto de página inteira da poeta. Os poemas do livro são divididos em três cantos e abordam a temática indígena: a origem da terra na mitologia Tupi e outras lendas. A estrutura se aproxima de uma prosa poética, apresentando uma narrativa que contém falas. Há notas de rodapé explicando o significado de palavras indígenas.

²⁴ O Teatro Experimental do Negro foi fundado em 1944 no Rio de Janeiro por Abdias do Nascimento. Entre os objetivos do grupo, destaca-se a valorização da herança e da identidade afrobrasileira através da educação e da arte.

²⁵ Ficha técnica da peça *Palmares* disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/183823-palmares>



Foto 5 – *A terra canta*. Acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. Foto de Patricia Pereira de Sousa.

Após publicar essa sequência de obras poéticas, no final da década de 1940, Stella lança seu primeiro romance: *Quando os cafezais florescem* (1948). No primeiro capítulo, entra-se em contato com Tanáia Garcia, menina de 15 anos que desde criança tem o desejo de ser escritora. Tanáia é um nome de origem indígena, do grupo Gê, e significa “meiga”. A mãe de Tanáia morreu após o nascimento da menina, enquanto seu pai passa parte do tempo no Xingú, dedicando-se a pesquisas para escrita de um livro. Nas primeiras páginas, há referências ao passado brasileiro: do choque entre indígenas e portugueses, do trabalho nas plantações de café e do sofrimento de pessoas escravizadas.

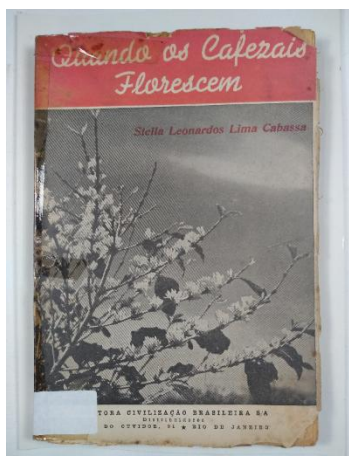


Foto 6 – *Quando os cafezais florescem*. Acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. Foto de Patricia Pereira de Sousa.

Algumas obras de Stella Leonardos não ficaram restritas aos livros, pois ela foi convidada a recitar suas obras. Só em 1943, realizou no auditório da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) a leitura de *Palmares*, com patrocínio da Rede Cultural Vamos Ler e da Casa de Castro Alves; e de *Flama sagrada*, com o patrocínio do Instituto Brasileiro de Cultura. No salão da Academia Brasileira de Letras, ela leu *Rufa ao longe um tambor*, com patrocínio da Associação Universal dos Escritores. Em outros momentos, posteriormente, realizou outras leituras de outros poemas de sua autoria.

Em 1943, Stella também foi convidada para participar de um evento que comemorava o 71º aniversário da morte do poeta Castro Alves, organizado pelas Casas de Castro Alves do Brasil. Ela foi convidada para fazer a leitura de um poema do poeta e atuou na instituição como coordenadora geral da Ala Feminina da Casa de Castro Alves.

Se, quando criança, Stella participou de peças de teatro, ela retorna novamente já adulta. Em 1943, participa da peça *Guizos e clarins*, com atrações que homenageavam as Nações Unidas; e, em 1944, participa de *Muiraquitã*, dessa vez, atuando e interpretando uma *commère*. As duas peças contaram com poemas de autoria de Stella, foram idealizadas e organizadas por Rosinha Mendonça Lima, encendadas no Theatro Municipal e tinham caráter beneficente.

Em 1945, Stella se casa com Alejandro José Cabassa, um norte-americano de origem latina. Ela adota o sobrenome do marido e passa a se chamar Stella Leonardos da Silva Lima Cabassa. Em 1946, os dois foram morar por um tempo no México e nos Estados Unidos. No México, Stella cursou Espanhol e Literatura Hispano-Americana. Nos Estados Unidos, ela participou de eventos literários, representando o Brasil.

— x —

No decorrer da década de 1940, a presença de Stella Leonardos em jornais e revistas está atrelada a informações sobre uma escritora que está apenas começando, com destaque para as obras lançadas, os temas abordados, imagens das capas, poemas ou breves recortes de sua poesia. Algumas matérias citam sua participação em eventos culturais, literários e fazendo leituras de sua poesia. As entrevistas são raras e não é possível observar a sua participação colaborando nas páginas dos periódicos com outros textos de sua autoria. É curioso observar,

principalmente nos primeiros anos da década de 1940, os comentários que não deixavam passar a jovialidade de Stella, pois, a poetisa se lança no mundo das publicações com menos de 20 anos, escrevendo sobre assuntos históricos e culturais, demonstrando domínio da escrita poética e dos temas retratados, resultado de estudos e pesquisas. Em alguns jornais, chama a atenção a forma como Stella é tratada: “senhorinha”. Geralmente, o pronome de tratamento “senhora” é direcionado a mulheres mais velhas, demonstrando formalidade e respeito. No caso dela, além destes elementos, a palavra acompanhada pelo uso do diminutivo, parece reforçar a sua juventude. Ao final da década de 1940, as citações do nome de Stella nos periódicos cariocas diminuem significativamente. Ainda assim, é possível observar que o seu contato com a literatura começa na infância, principalmente, por meio do incentivo familiar. Após a publicação de *Passos na areia*, ela seguiu se dedicando à literatura, escrevendo e publicando livros, demonstrando, desde o início, sua predileção por gêneros poéticos clássicos e por temas nacionais. Pode-se destacar que, nos anos 1940, Stella surgia no cenário literário brasileiro como uma promessa de escritora que estava apenas começando.

Quando Alberto de Oliveira disse: “hás de ser poetisa, menina”, possivelmente, nem ele e nem outras pessoas (e nem a própria Stella) imaginavam que a escritora teria um longo percurso dedicado à literatura, iniciado nos anos 1940, mas continuado nas décadas seguintes até seu falecimento em 2019. Acompanhar toda essa trajetória será matéria para a continuação da presente pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Hás de ser poetisa, menina”: o início da trajetória literária de Stella Leonardos – 1923 a 1949 é um trabalho vinculado ao grupo de pesquisa Literatura e Mídia (CNPq) que reúne projetos de pesquisa, ensino e extensão que abordam as relações entre literatura e meios de comunicação. Este trabalho, em especial, faz parte do projeto que resgata escritoras e escritores da Geração de 45.

O perfil biográfico de Stella Leonardos que aborda os primeiros anos de sua vida, focalizando a sua relação com a literatura é resultado de leituras, pesquisas, incentivos, orientações, e pessoas que direta e indiretamente contribuíram para a produção do texto apresentado.

O acervo físico e digital pode se revelar uma fonte de pesquisa valiosa para conhecer um pouco sobre as diferentes faces de uma pessoa e realizar diferentes estudos na área da literatura, seja uma biografia, uma crítica, enfim, o que uma pesquisadora ou um pesquisador estiverem dispostos a desvendar a fim de ampliar o conhecimento em um determinado recorte selecionado.

Aqui, destaco a importância de Stella ter doado o seu acervo para o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, pois, ao fazer isso, ela permitiu que parte de seu legado literário fosse preservado e, conseqüentemente, se tornasse acessível para quem deseje consultá-lo. Inclusive, graças a sua doação, pude entrar em contato com o seu primeiro livro de poemas, *Passos na areia*, que inaugura a sua estreia como escritora profissional.

O acervo da Biblioteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, que reúne periódicos digitalizados de séculos passados; o acervo literário do Arquivo-Museu e a Academia Carioca de Letras, que reúnem documentos, cartas, fotografias, livros e outros objetos, foram essenciais para a produção do perfil biográfico de Stella Leonardos, entre 1923 a 1949. Ressalta-se que esses espaços preservam a vida e a obra de outras escritoras e de escritores; e preservam a história literária, cultural, social, entre outros âmbitos, de diferentes épocas.

É importante destacar o papel da imprensa brasileira para a circulação de informações, de cultura e de literatura, assim como o desenvolvimento e o fortalecimento do mercado editorial nacional nos séculos XIX e XX. Muitos escritores estiveram presentes em um ou em ambos esses espaços, permitindo que fossem conhecidos e lidos pelos leitores.

Quando Roland Barthes cria o conceito de morte do autor, atribui-se peso a obra literária e, no fim, é a obra que fica, que permanece, que perdura no tempo. Ainda assim, a vida tem importância, pois, por trás de uma obra, existiu ou existe uma pessoa que, literariamente, escreveu e escreve uma história que entra em contato com leitoras e leitores. A vida de uma escritora e de um escritor também importa.

Stella surgiu muito jovem no cenário literário brasileiro. A literatura fez parte de toda a sua vida, resultando em uma obra extensa com mais de 200 títulos. É inegável que seu legado literário é grandioso e merece atenção – acredito que, especialmente, as obras que poematizam e que narram aspectos da história e da cultura popular brasileira. As contribuições de Stella são muitas e, conseqüentemente, este trabalho não se esgota aqui.

Acredito que repensar o cânone e a historiografia literárias é necessário e, principalmente, dar visibilidade para escritoras e as obras de escritoras, pois torná-las conhecidas e lidas é extremamente importante. Nomes e histórias não devem ficar escondidos em prateleiras ou perdidos para sempre porque não receberam atenção devida. Portanto, há muito o que se descobrir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Mário de. **O Movimento Modernista**. Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1942. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7730>.
- BARTHES, Roland. A morte do autor. In: BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. Tradução: Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 57-64.
- BELLIN, Greicy Pinto. A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem. **FronteiraZ. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária**, [S. l.], n. 7, p. 75–85, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/12201>. Acesso em: 07 ago. 2026.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 53 ed. São Paulo: Cultrix, 2021.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2002. p. 183-191.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6ª ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.
- CARINO, Jonaedson. A biografia e sua instrumentalidade educativa. In: **Educação e Sociedade**, Campinas, v. XX, n. VI, p. 153-181, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73301999000200006>. Acesso em: 25 mar. 2025.
- CASTRO, Ruy. **A vida por escrito: ciência e arte da biografia**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004**. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.
- DALCASTAGNÈ, Regina. O que escondem os muros do universal. In: DUARTE, Constância Lima (Org. et al). **Mulheres em letras: diáspora, memória, resistência**. Viçosa: As Organizadoras, 2019. p. 49-62.
- DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida**. Tradução: Gilson. César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, Brasil, v. 17, n. 49, p. 151–172, 2003. Disponível em: <https://revistas.usp.br/eav/article/view/9950>. Acesso em: 20 abr. 2023.
- DUARTE, Constância Lima. Imprensa e emancipação da mulher no Brasil no século XIX: Press and emancipation of women in Brazil in the 19th century. **Caminhos da História**, [S. l.], v. 30, n. 1, p. 70–79, 2025. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/caminhosdahistoria/article/view/8758>. Acesso em: 02 mar. 2026.
- FOUCAULT, Michel. O que é um autor?. In: FOUCAULT, Michel. Organização: Manoel Barros da Motta. Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 264-298.
- HOHLFELDT, Antonio. Exercícios biográficos: arqueologia cultural. In: GUTFREIND, Cristiane Freitas (Org.). **Narrar o biográfico: a organização e a diversidade da escrita**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 41-79.

HOHLFELDT, Antonio; ADAM, Felipe. A curiosidade pela vida alheia: consumo de livros biográficos no Brasil (2010-2019). **Esferas**, v. 1, n. 25, p. 78-98, 2022. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/14069>. Acesso em: 17 nov. 2025.

JOHNSON, Randal. A dinâmica do campo literário brasileiro (1930-1945). **Revista USP**, São Paulo, Brasil, n. 26, p. 164–181, 1995. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/28160>. Acesso em: 26 abr. 2025.

LOURO, Guaciara Lopes. Mulheres na sala de aula. In: Mary Del Priore (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2001. p. 443-481.

MARQUES, Reinaldo. Arquivos literários, entre o público e o privado. **Lo que los archivos cuentan**. 2014, p. 17-62. Disponível em: http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy:8080/jspui/bitstream/123456789/50492/1/arquivos_literarios.pdf. Acesso em: 15 dez. 2025.

MELO NETO, João Cabral de. **Prosa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira, volume III: desvairismos e tendências contemporâneas**. São Paulo, Editora Pensamento Cultrix, 2019.

MONTERO, Tereza; MANZO, Lícia. **Clarice Lispector: Outros escritos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

MOREIRA, Maria Eunice; CABALLÉ, Anna. A hora da biografia. **Letras De Hoje**. v. 53, nº 2, 2018, p. 187–189. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2018.2.31525>. Acesso em: 25 mar. 2025.

MOURÃO JÚNIOR, Carlos Alberto; FARIA, Nicole Costa. Memória. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. v. 28(4), 2015, p. 780-788. DOI: 10.1590/1678-7153.201528416. Acesso em 15 dez. 2025.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução: Angela M. S. Côrrea. São Paulo, Contexto, 2019.

ROCHA, Gabriel dos Santos. Teatro experimental do negro: Rompendo a brancura da cena (1944-1968). **Moringa - Artes do espetáculo**. João Pessoa, V. 13 N. 1 jan/jun. 2022. Acesso em: 01 fev. 2026.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; BAPTISTA LUCIO, Maria del Pilar. Definições dos enfoques quantitativos e qualitativos, suas semelhanças e diferenças. In: SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; BAPTISTA LUCIO, Maria del Pilar. **Metodologia de pesquisa**. Tradução: Daisy Vaz de Moraes. 5ª ed. Porto Alegre: Penso, 2013, p. 28-48.

SILVA, Maurício. Profissionalização do escritor e publicidade editorial: dois capítulos da leitura pré-modernista no Brasil. **Magma**, São Paulo, Brasil, n. 6, p. 65–77, 1999. Disponível em: <https://revistas.usp.br/magma/article/view/73435>. Acesso em: 02 mar. 2026.

SOUZA, Eneida Maria de. **Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

TELLES, Norma. Escritoras, escrita, escrituras. In: Mary Del Priore (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2001. p. 401-442.

VILAS-BOAS, Sergio. **A arte do perfil**. 2014, *on-line*. Disponível em: <https://sergiovilasboas.com.br/jornalismo/a-arte-do-perfil/>. Acesso em: 12 dez. 2025.

WOOLF, Virginia. As mulheres e a literatura. In: WOOLF, Virginia. **A arte do romance**. Tradução: Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2021. p. 103-115.

APÊNDICES



Foto 7 – Entrada da Academia Carioca Letras, localizada no Prédio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Foto: Patricia Pereira de Sousa.



Foto 8 – Brasão da Academia Carioca Letras. ("*Sic itur ad astra*": então vamos as estrelas". Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Academia_Carioca_de_Letras). Foto: Patricia Pereira de Sousa.



Foto 9 - Academia Carioca Letras. Foto: Patricia Pereira de Sousa.



Foto 10 – Stella Leonardos. Quadro de Israel Pedrosa. Foto: Patricia Pereira de Sousa.



Foto 11 – Ao fundo, a Biblioteca Stella Leonardos da Academia Carioca de Letras. Foto: Patricia Pereira de Sousa.



Foto 12 – Placa: Biblioteca Stella Leonardos. Foto: Patricia Pereira de Sousa.



Foto 15 – Foto de Stella Leonardos em seu livro *A terra canta!* (1946). Acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. Foto: Patricia Pereira de Sousa.

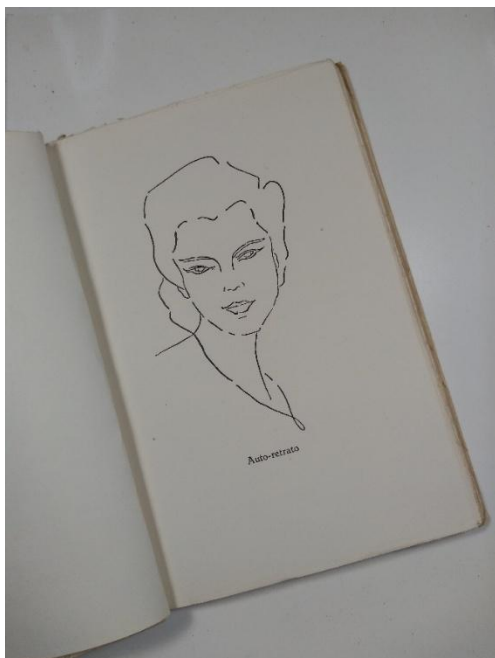


Foto 16 – Autorretrato de Stella Leonardos no livro *As dádivas* (1959), dedicado às irmãs: Norma, Sônia, Dicéa e Ilda. Essa mesma imagem aparece em outros livros e em alguns periódicos. Acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. Foto: Patricia Pereira de Sousa.

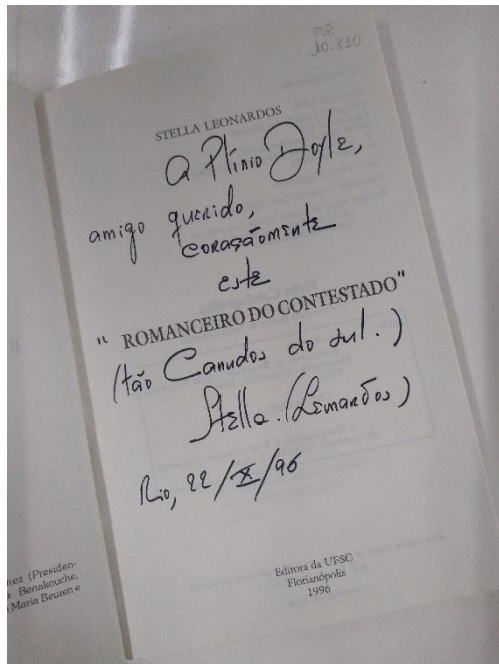


Foto 17 – *Romanceiro do Contestado* (1996). Livro com dedicatória de Stella Leonardos para o amigo Plínio Doyle. Acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. Foto: Patricia Pereira de Sousa.

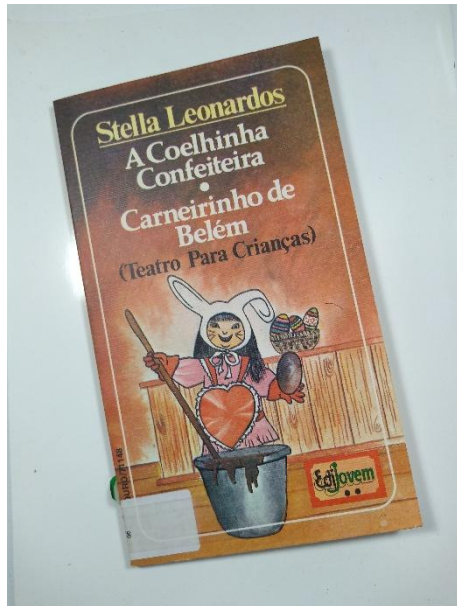


Foto 18 – *A coelhinha confeitadeira / Carneirinho de Belém (Teatro para crianças)*. Acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. Foto: Patricia Pereira de Sousa.



Foto 19 – *Os porquinhos se divertem*. Acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. Foto: Patricia Pereira de Sousa.

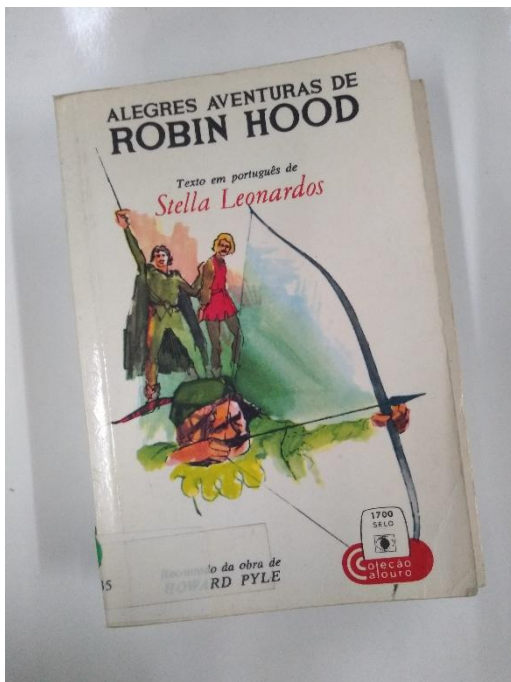


Foto 20 – *Alegres aventuras de Robin Hood*. Texto em português de Stella Leonardos. Recontado da obra de Howard Pyle. Acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. Foto: Patricia Pereira de Sousa.